



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MATHEUS SOBRAL REIS DANTAS**

**O COMÉRCIO DE LONGA DISTÂNCIA NO MUNDO ANTIGO:  
UM ESTUDO SOBRE AS ROTAS COMERCIAIS NO MUNDO  
ANTIGO**

**GUARABIRA**

**2024**

MATHEUS SOBRAL REIS DANTAS

O COMÉRCIO DE LONGA DISTÂNCIA NO MUNDO ANTIGO:  
UM ESTUDO SOBRE AS ROTAS COMERCIAIS NO MUNDO  
ANTIGO

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de  
Licenciatura em História da  
Universidade Estadual Da Paraíba  
como requisito para a obtenção do  
título de Licenciado em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto

**GUARABIRA**

**2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192c Dantas, Matheus Sobral Reis.  
O comércio de longa distância no mundo antigo  
[manuscrito] : um estudo sobre as rotas comerciais no mundo  
antigo / Matheus Sobral Reis Dantas. - 2024.  
54 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2024.  
"Orientação : Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto,  
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Roma. 2. Han. 3. Índia. 4. Aksum. 5. Comércio. I. Título  
21. ed. CDD 930

**MATHEUS SOBRAL REIS DANTAS**

**O COMÉRCIO DE LONGA DISTÂNCIA NO MUNDO ANTIGO:  
UM ESTUDO SOBRE AS ROTAS COMERCIAIS NO MUNDO ANTIGO**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História, Política e Relações de poder.

Aprovada em: 19/06/2024

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Orientador)



Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente  
NAIARA FERRAZ BANDEIRA ALVES  
Data: 20/06/2024 09:29:31 -0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Naiara Ferraz Ferreira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTO**

Ao meu filho, Druso Nero Sobral, por ter trazido de volta meu amor pelo mundo antigo e ter iluminado meu caminho quando tudo parecia escuridão.

*Alea Jacta Est*  
(Caio Júlio César)

## RESUMO

Neste trabalho buscamos mostrar a existência de redes comerciais de longa distância dentro de um recorte temporal, especificamente entre os séculos I ao III d.C. Buscamos também elucidar questões a respeito do papel do comerciante de longa distância, como diplomata dentro das sociedades no mundo antigo, escolhemos um recorte geográfico que engloba uma considerável parte, da extensa malha urbana que tinham as diferentes sociedades da Afro-Eurásia. Buscamos usar uma bibliografia contemporânea ao recorte temporal, e centrada no recorte geográfico. Evidenciamos que, apesar do distanciado momento histórico em relação a indústria e aos transportes modernos, a complexidade e o volume comercial alcançavam um distinto peso social dentro de diversas sociedades. Diante disso, nosso estudo buscou demonstrar o peso do comércio de longa distância no mundo antigo, e incorremos que nossa temática ainda tem grande peso na compreensão do mundo moderno permeado por cadeias de valor globais.

**Palavras-Chave:** Roma; Han; Índia; Aksum; Comércio.

## **ABSTRACT**

In this work we seek to show the existence of long-distance commercial networks within a time frame, specifically between the 1st and 3rd centuries AD. We also seek to elucidate questions regarding the role of the long-distance trader, as a diplomat within societies in the ancient world, we chose a geographical area that encompasses a considerable part of the extensive urban network that the different societies of Afro-Eurasia had. We seek to use a bibliography that is contemporary to the time frame, and focused on the geographic frame. We evidenced that, despite the historical distance in relation to industry and modern transport, complexity and commercial volume reached a distinct social weight within different societies. Given this, our study sought to demonstrate the importance of long-distance trade in the ancient world, and we realize that our theme still has great weight in understanding the modern world permeated by global value chains.

**Keywords:** Rome, Han, India, Aksum, Commerce

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMÉRCIO DE LONGA DISTÂNCIA...	10
3 SOBRE A COMPLEXIDADE COMERCIAL E DIPLOMÁTICA NAS ROTAS COMERCIAIS.....	19
4 CARTAS SOG DIANAS.....	35
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Entre o século I ao III d.C., no que hoje chamamos de velho mundo (Afro-Eurásia), uma grande rede comercial, baseada no comércio de longa distância ligando diferentes civilizações tomou um escopo nunca antes visto. Essas redes criou um novo modelo de relacionamento do sujeito com o mundo, levando e trazendo mercadores e mercadorias, diplomatas e estratégias de Estado por distâncias até aquele momento, inalcançáveis.

A nossa pesquisa voltou-se para essas relações comerciais do mundo antigo, o papel desempenhado por grandes Estados como os Impérios, Romano, Han, Kushan, Parto além de outros Estados sob diferentes formas de governo, e sob diferentes graus de desenvolvimento produtivo e tecnológico, serão por nós analisados quanto suas ligações comerciais com outros Estados ao longo de inúmeras rotas comerciais.

refinamos ao máximo possível uma análise bibliográfica centrada no recorte do século I ao III, mas por compreender que o tema mostra práticas comuns numa duração muito maior que nosso recorte temporal. Acabamos por colocar ligações com momentos posteriores ou anteriores, e que são bem descritas em obras contemporâneas aos momentos analisados.

Entendemos por tanto, que durante nosso recorte um conjunto de fatores causaram uma grande expansão do comércio de longa distância, essa expansão foi descrita na arte, nos documentos das gerências de grandes Estados e em inúmeros relatos e comprovações deixados pelos comerciantes, gerais, artistas e estadistas. Partimos da análise dessa bibliografia atinente e em maior proporção, contemporânea ao recorte temporal para construir nosso objetivo geral.

Construímos como objetivo para nosso trabalho, comprovar a existência das redes comerciais de longa distância e seu uso não apenas por comerciantes, mas por diplomatas e exércitos. Depois de provar a existência de tais relações, tomaremos o caminho de analisar sua profundidade e impacto no mundo comercial da antiguidade.

Tendo em vista nosso primeiro Objetivo, construiremos os seguintes pontos para auxiliar na obtenção da solução de nosso objetivo:

- Demonstrar a sofisticação nas práticas envolvidas ao comércio de longa distância, práticas ligadas a demonstrações de minúcias financeiras, navais, comerciais e produtivas.

- Demonstrar que as rotas comerciais eram frequentemente usadas por diplomatas ou homens de Estado, muitas vezes os comerciantes eram também vistos como verdadeiros diplomatas ou meios de acumular novas informações sobre outras partes do mundo.

- Mostrar a capacidade de fazer mercadorias diversas atravessarem longas distâncias e por substanciais capacidades de processamento e reprocessamento, além de fazerem parte de uma intrincada estratégia de controle por Estados distribuídos por toda Afro-Eurásia.

Compreendemos o comércio de longa distância como uma atividade econômica complexa e de grande impacto no planejamento das sociedades que o praticavam, acreditamos que a compreensão dos efeitos dele e de sua sofisticação no mundo antigo ajuda a compreendermos muito dos desdobramentos da economia moderna e suas cadeias de valor globais. Hoje boa parte dos debates econômicos, sociais e políticos giram em torno das capacidades globais de se produzir e comerciar, para tanto, buscamos compreender um dos primeiros momentos em que essa prática era relativamente comum, assim compreendendo mais do mundo moderno.

Na realização desta pesquisa, usamos uma abordagem metodológica centrada na pesquisa bibliográfica pertinente ao tema. Por meio dessa bibliografia absorvemos um substancial conhecimento do tema, embasados em livros, vídeos, artigos, evidências arqueológicas e no vasto acervo documental que sobreviveu até o nosso tempo.

A análise da bibliografia escolhida nos ofereceu informações relevantes pertinentes as relações comerciais na antiguidade, além de informações sobre a vida diária dos indivíduos que viveram nas jornadas que descrevemos. Essa análise bibliográfica se tornou relevante para construção e desenvolvimento de nosso trabalho.

Como fontes de maior vulto em nosso trabalho, usamos os trabalhos de Raoul McLaughlin, Peter Frankopan e André Bueno. Usamos também muitos autores auxiliares ou especializados em partes específicas das redes comerciais para elucidar melhor partes específicas das rotas.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMÉRCIO DE LONGA DISTÂNCIA.

Dentro dos três primeiros séculos depois de Cristo, dentro da enorme massa de terra da Afro-Eurásia, um conjunto de comunidades atraídas entre si por elos culturais e comerciais (Frankopan 2019, P. 21-125; Mclaughlin, 2012), construíram uma intrincada rede comercial com a qual se relacionavam (Frankopan, 2019 p. 46-47). Uma longa malha de rotas comerciais atravessando vastos espaços geográficos e alcançando sociedades distantes não eram uma novidade do período, mas também não deixariam de ser percorridas depois de seu fim.

O relato escrito pelo apóstolo cristão, Mateus revela uma cena relativamente comum no mundo de seu tempo, embora as inúmeras releituras e interpretações sejam voltadas para finalidades religiosas, em nossa pesquisa ela servirá para mostrar que cenas de caravanas e frotas navais, cruzando grandes espaços por terra e mar, levando e trazendo bens comerciais entre diferentes sociedades não eram um fenômeno raro e pouco relevante como ainda se é apregoadado por muitos historiadores modernos.

Em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém [...] Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. E, vendo-os a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. (Bíblia [...], 1993, p. 2009-2010)<sup>1</sup>

O familiar relato revela uma cena explicativa sobre o funcionamento de uma caravana trazendo bens preciosos vinda do Oriente, revela também que se guiavam pelas estrelas e que tinham algum papel como diplomatas, o que não é

---

<sup>1</sup> Essa passagem tem gerado acolados debates entre historiadores e religiosos, um dos pontos mais interessantes é a ligação do termo Mago e sua provável raiz em *magus* na antiga língua falada na Pérsia, também pelo fato dos antigos *magus* serem polímatas e realizarem trabalhos astronômicos (LLEWELLYN-JONES, 2023, p. 365-369), econômicos e religiosos no zoroastrismo, o papel deles na passagem vem sendo debatido, indo desde a posição de turistas em caravanas comerciais até líderes de caravanas vindas do Oriente (WAXMAN, 2020).

muito diferente de caravanas que percorreram vastas regiões da África ou da própria região de onde vem o relato de Mateus (Mclaughlin 2012 p. 35-36). Sendo contemporâneas ao relato (em que há eventos entre os séculos I a.C. Ao I d.C.) muitas caravanas de Palmira cruzavam a mesma região indo até Carax (hoje no sul do Iraque), de lá traziam bens vindo da Mesopotâmia, Índia, China, Arábia e África<sup>2</sup> (Mclaughlin 2012 p. 113-115).

Para as pessoas dessas sociedades as caravanas palmirenas ou a ideia de caravanas percorrendo rotas comerciais por longas distâncias não era nova, escrito em um poema épico que hoje chamamos de “A Epopéia de Gilgamesh”, escrito em algum momento do segundo milênio antes de Cristo por Sin-léqi-unnínní descreve entre as oferendas de uma celebração uma quantidade de lápis-lazúli

Chamou Gilgámesh os artesãos, os operários todos, A espessura dos cornos observaram os filhos dos artesãos: Trinta, minas de lápis-lazúli de cada um o peso, Duas minas de cada um a borda, Seis *Kor* de óleo a capacidade de cada; (SIN-LÉQI-UNNINNI, 2020 p. 87)<sup>3</sup>

Como ficou evidente nessa, e em outras passagens da obra é citado um mineral chamado, lápis-lazúli, o que seria uma clara referência a uma rede comercial de longa distância existindo já nos primórdios da urbanização, isso ocorre pois, até o momento a única mina de Lápis-lazúli conhecida e explorada no mundo antigo está localizada na região do Badakhshan, onde hoje está o Afeganistão (Frankopan, p. 24)<sup>4</sup>.

O Comércio de longa distância parece sempre ter sido uma força crucial em algum momento de todo desenvolvimento econômico de qualquer sociedade que se conheça na história, aparentemente isso foi independente da sua posição geográfica, seu momento na histórico ou riqueza material, sempre foi possível ver o desenrolar de rotas, onde o fluxo de mercadorias, ideias, religiões, práticas

---

<sup>2</sup> A existência de caravanas através de rotas comerciais pela África e o debate em volta da domesticação do camelo pode ser melhor compreendido em, Cartwright, (2019) ou Mokhtar (2010).

<sup>3</sup> Uma mina (*manû*) era na Mesopotâmia o equivalente a 480 gramas, um *kor* por sua vez era o equivalente a aproximadamente 300 litros, ambas as medidas são do momento em que Sin-léqi-unninni escreveu a apopeia de Gilgamesh.

<sup>4</sup> Interessante notar que o Lápis-lazúli continua sendo um dos produtos comercializados por longa distância mais apreciados, sua valorização e o fato de vim exclusivamente da Ásia ainda não mudou, mesmo depois de mais de 4 mil anos sua importância continua grande, de representação em obras faraônicas, a arte renascentistas e ao financiamento do Afeganistão na guerra afegã-soviética, sua marca na história do comercio de longa distância continua inalterada (FRANKOPAN 2019 p. 47, p 60, p. 270; MARK, 2022.).

e tecnologias aconteceram com algum grau de importância e causando algum impacto social.

Menções de rotas comerciais de longa distância existem desde as primeiras sociedades urbanas como podemos ver na passagem anterior, algumas dessas rotas perduraram por uma longa duração como uma rota que trazia lápis-lazúli.

Outras, pelos mais diversos motivos deixaram de existir. Dentre essas rotas que deixaram de existir, está, talvez, uma das mais enigmáticas, as rotas abertas por Salomão (930 - 931 a.C) e Hierão I (980 - 947 a.C), descritas em livros do velho testamento em várias passagens diferentes, numa delas podemos ler.

Fez o rei Salomão também naus em Eziom-Geber, que está junto a Elate, na praia do mar Vermelho, na terra de Edom. Mandou Hirão, com aquelas naus, os seus servos, marinheiros, conhecedores do mar, com os servos de Salomão. Chegaram a Ofir e tomaram de lá quatrocentos e vinte talentos de ouro, que trouxeram ao rei Salomão<sup>5</sup>. (Bíblia [...], 1993. P. 725-726)

Essa rota descrita na bíblia viria a ser comprovada pelo historiador Flávio Josefo (38-100 d.C.), textos e obras de arte egípcias e fenícias (AUBET, 1993 p. 30)<sup>6</sup>, mas o mais interessante é que a rota pode indicar a presença fenícia e israelita no Oceano Índico percorrendo um comércio de cabotagem<sup>7</sup> na costa leste da África ou até a costa da Índia (AUBET, 1993 p. 30-37)<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> Essa passagem fala que saíram de uma localização próxima ao atual golfo de Acaba, Já a região chamada de Ofir não tem localização exata conhecida, e provável que esteja localizada no sudoeste da Arábia, próximo ao mar vermelho. por sua vez o talento utilizado aqui como medida de peso seria nesse momento equivalente a 34,272 gramas (BÍBLIA [...], 1993 p. 726, p 2942).

<sup>6</sup> A aliança entre a Fenícia e Israel foi capaz de controlar um grande número de rotas comerciais que levaram caravanas para Arábia ou terras da Mesopotâmia, Séria e Arábia (BÍBLIA [...], 1993. P. 710, H. JACOB, 1997 p. 76-115).

<sup>7</sup> A cabotagem é a navegação entre portos ou pontos da mesma costa de um único país, realizada por mares ou rios, e é diferente da navegação de longo percurso, que conecta diferentes países. É uma alternativa ao transporte terrestre, especialmente em países com vastas faixas litorânea, Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/cabotagem/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

<sup>8</sup> Aubet, (1993) também debate sobre, como as rotas no Mediterrâneo comprovadamente, permaneceram abertas, e provavelmente as rotas no Oceano Índico levaram para territórios asiáticos, porém o texto não garante que tais territórios seria no subcontinente indiano, caso se comprove, então teríamos uma das rotas mais duradouras da história, uma vez que partes dela permanecem ativas até o dia de hoje.

Em outra passagem temos a confirmação de que percorrer essa rota seria de difícil uso e que seria percorrida somente em datas determinadas, dando assim a confirmação de que seria uma rota que percorreria longas distâncias e necessita de uma sofisticação e de cuidados antecipados com a jornada.

O peso do ouro que se trazia a Salomão cada ano era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro, além do que entrava dos vendedores, e do tráfico dos negociantes, e de todos os reis da Arábia, e dos governadores da terra. Fez o rei Salomão duzentos pavês de ouro batido; seiscentos siclos de ouro mandou pesar para cada pavês; fez também trezentos escudos de ouro batido; três arráteis de ouro mandou pesar para cada escudo. E o rei os pôs na Casa do Bosque do Líbano. Fez mais o rei um grande trono de marfim e o cobriu de ouro puríssimo. O trono tinha seis degraus; o espaldar do trono, ao alto, era redondo; de ambos os lados tinha braços junto ao assento e dois leões junto aos braços. Também doze leões estavam ali sobre os seis degraus, um em cada extremo destes. Nunca se fizera obra semelhante em nenhum dos reinos. Todas as taças de que se servia o rei Salomão para beber eram de ouro, e também de ouro puro todas as da Casa do Bosque do Líbano; não havia nelas prata, porque nos dias de Salomão não se dava a ela estimação nenhuma. Porque o rei tinha no mar uma frota de Társis, com as naus de Hirão; de três em três anos, voltava a frota de Társis, trazendo ouro, prata, marfim, bugios e pavões. (Bíblia [...], 1993. P. 727) <sup>9</sup>

A continuidade de tal rota, que poderia ser muito bem anterior a descrição, e pode certamente nos levar as rotas comerciais portuguesas no Índico muitos séculos depois<sup>10</sup>. Hoje é bem aceito que o desejo pelas mercadorias do Extremo Oriente levou os ibéricos a fazerem suas explorações em buscas de rotas alternativas para o lucrativo comércio oriental (Cartwright, 2021; Frankopan, 2019, p. 313; Gruzinski, 2015, p. 45) <sup>11</sup>.

Nossa pesquisa tem como finalidade fazer um recorte desse processo mercantil dentro de uma temporalidade específica, entre os séculos I a.C ao século III d.C, o recorte geográfico usado acompanhar algumas das grandes

---

<sup>9</sup> Na passagem é comentado naus de társis, as naus de társis seriam grandes navios, capazes de fazer longas viagens e carregar grandes cargas, já a medida siclo seria equivalente a 11,40 gramas e arrátel sendo equivalente a 325 gramas (Bíblia [...], 1993. P. 728, p.2942)

<sup>10</sup> O que nos leva a descoberta do Brasil por Portugal, descoberto enquanto se buscava as rotas do Índico, através do Atlântico e graças as condições de vento e correntes ( MADDISON, 2001, p. 20-61).

<sup>11</sup> Para mais informações detalhadas do processo mercantil e econômico ligando o Oriente ao Ocidente por rotas comerciais veja, Osvaldo (2015) e também uma interessante análise do processo do século XVI inclusive com um interessante debate sobre a alteridade Ibérica veja, Gruzinski (2015).

rotas usadas por caravanas, por terra e mar em sociedades distantes geograficamente, mas com um sistema político e econômico com muitas semelhanças, tentaremos reconstruir uma das formas de interação entre sociedades concentradas principalmente em um cinturão de urbanidade ligando as costas do Atlântico, Pacífico e Índico, sem contudo esquecer sociedades que não eram urbanas, ou pouco urbanizadas.

Em um mundo criado por grandes impérios como o Romano no Ocidente e o Império Han no Oriente, ambos controlando uma imensa massa terrestre, populações igualmente enormes, grandes sistemas de governo e econômicos <sup>12</sup> (BURBANK; COOPER, 2019, p. 45-89). Como destacado Por Walter Scheidel,

Há dois mil anos, talvez metade de toda a espécie humana estivesse sob o domínio de apenas duas potências, os impérios Romano e Han, em extremos opostos da Eurásia. Ambas as entidades eram bastante semelhantes em termos de tamanho, ambos governados por imperadores divinos que residem nas maiores cidades que o mundo já havia visto, ambos eram compostos por cerca de 1.500 a 2.000 distritos administrativos e, pelo menos em algum momento, ambos empregaram centenas de milhares de soldados. (SCHEIDEIL, 2009, p. 28)

Contudo, não eram apenas os impérios romano ou o han, mas outras sociedades urbanas espalhadas e que também se beneficiaram de tais rotas comerciais, difundindo bens, valores, tecnologias, ligações diplomáticas e tecnologias recebiam benefícios diretos dessa vasta conexão mercantil. Até os anos finais dos anos 60 era muito difundido a tese de que, ligações entre as sociedades urbanas eram um dos principais meios de difusão da estabilidade sistêmica entre as mesmas, como explica André Bueno:

Uma tese em voga nas décadas de 1950 - 1960 apontava a necessidade de se estudar a interrupção da rota da seda como uma das causas de colapso do império romano. Acreditava-se que havia uma correlação política e comercial muito forte entre Roma, Pártia, Índia e China, o que conseqüentemente transformava estes reinos nos mais poderosos e estáveis da Antiguidade. Eles funcionariam como centros agregadores de civilizações e, no momento em que a dinastia Han enfraqueceu-se, junto com a Pártia e os kushans, o equilíbrio mundial teria sido rompido (Bueno, 2002, p.116-117)

---

<sup>12</sup> Para dados econômicos e análises políticas mais precisas, do primeiro ao terceiro século d.C. veja, Maddison (2001)

A ideia de que o comércio sendo de longa ou curta distância, representava a estabilidade financeira para os Estados na antiguidade tem ressurgido, não apenas nos textos de André Bueno (o que fazem dele uma raridade na língua portuguesa), mas outros autores tem vindo somar esforços para tentar enxergar novos modelos econômicos, diplomáticos e de organização estatal no mundo antigo. Ao estudar as finanças romanas na sua era imperial, Raoul Mclaughlin lembra que ainda no início da dinastia Júlio-Claudiana (27 a.C.– 68 d.C.), o tamanho da frota e a quantidade de carga vindo nessas embarcações que trafegavam pelo Índico trariam consigo, provavelmente, os prenúncios da vida financeira do império, como ele comenta aqui.

Esse Comércio era um fenômeno importante e quando a frota mercante romana que chegava à Índia ultrapassou uma centena de embarcações milhares de toneladas de carga oriental eram importadas para Alexandria a cada ano. As oportunidades apresentadas por esse comércio possivelmente determinavam a sorte econômica do Império romano (Mclaughlin 2012 p. 43)

Ou se tratando do Império Han (entre 202 A.C. Até 220 d.C.) havia uma necessidade de se manter uma relação comercial e diplomática sustentável com seus vizinhos em um processo semelhante ao de outras sociedades antigas, no que há uma assimilação diplomática, tecnológica, e de ideias, ao mesmo tempo em que a projeção de poder econômico e militar são difundidos, segundo Burbank e Cooper em relação ao oeste e ao norte a expansão ou o contato era imprescindível.

As regiões instáveis de fronteiras oeste e norte com suas economias mistas e conexões de longa distância, eram um recurso imprescindível para o Império Chinês. Os forasteiros proporcionavam inovações políticas e militares nas regiões fronteiriças, incrementavam as conexões materiais e culturais com outras partes do mundo (Burbank; Cooper, 2019 p. 72)

Em relação ao a fronteira sul havia interesse do império em ficar inserido no tráfico do comércio de ouro (Bennet, 2009, p. 99), esses e outros exemplos que serão citados nos mostram que o debate sobre a economia antiga tem ganhado novo fôlego. Um outro ponto para se levar em consideração é da base de pesquisa de diferentes autores, geralmente os autores tendem a olhar o mundo girando em torno de sua base de pesquisa, classicistas conseguem ver estruturas típicas do mundo greco-romano com mais facilidade, já sinólogos conseguem ver, por sua vez as chinesas, nas palavras de André Bueno.

Nossa posição, diante destas análises, é que cada autor teve um processo de formação específico, o que por vezes não nos possibilitou de fazerem estudos mais abrangentes sobre certos casos (e o que, por vezes, também não eram seus objetivos diretos); em segundo lugar, o processo de trocas culturais acabou por formar um conjunto sobre o qual as civilizações tinham influência, mas não controle direto. Assim sendo, detectar a origem de certos valores ou conceitos é interessante, mas devemos ter cuidado ao analisá-las, evitando criar preconceitos ou processos de hierarquia cultural (Bueno, 2002, p12)

Com um posicionamento semelhante para realizar nossa pesquisa, prezamos por ter autores diversificados além da escolha de textos escritos no período e no corte geográfico estudado. Devemos ter cuidado também com a ideia de criar Estados com capacidades de projetar poder interna e externamente muito além das capacidades de seus meios tecnológicos e humanos, mesmo durante a dinastia Ming (1368-1644), com sua burocracia colossal era subministrada, como relata Gruzinski, (2015).

Os 20 mil quadros da burocracia confuciana, os 100 mil eunucos podem dar a impressão, vistos da Europa ou do México, de uma administração pletórica. Na realidade, a China do século XVI é um monstro notoriamente subadministrado (Gruzinski, 2015, p. 22)

No nosso corte temporal os grandes impérios não poderiam ser diferentes, o Império Romano também é um Estado enorme e populoso, mas sub administrado (Burbank; Cooper, 2019, p. 54), o império Han também enfrentava problemas, mesmo tendo uma administração mais robusta e contando com um sistema de educativo para desenvolver bons funcionários, algo muito semelhante a uma universidade (Burbank; Cooper, 2019, p. 79-80), portanto a viabilidade de um controle direto sobre processos muito distantes de um centro de poder, além de um controle de processos produtivos e de circulação de bens não seriam reais.

Tomamos como fruto de nossa pesquisa que o comércio no mundo antigo já atingia capacidades relevantes ao ponto de causar impactos sociais e financeiros e que, portanto, seu papel não seria pequeno e irrelevante. Para tanto tomamos, assim como Bueno (2002 p. 4) uma posição contrária a Finley e também Anderson, pois ambos acreditam que as relações comerciais no mundo

antigo não teriam impactos visíveis e teriam pouca relevância (Finley, 1973, p. 34, Anderson, p. 78)<sup>13</sup>

Para fazermos uma construção coerente sobre a prática desse comércio de longa distância, é necessário antes de mais nada elucidar alguns pontos que tomamos como necessários para que as rotas comerciais cobrissem distâncias consideráveis.

Contudo, não afirmamos que o comércio de longa distância envolveria apenas rotas entre comunidades com culturas diferentes, ou entre Estados diferentes, mesmo dentro do mesmo Estado, rotas comerciais que percorreriam cidades, aldeias ou comunidades distantes dos centros produtores dos bens já existiriam e seriam, um comércio de longa distância (Bueno, 2002, p. 137, Frankopan, 2019, P. 19; Mclaughlin, 2012, p. 55), para tanto tomaremos três pontos.

1. A necessidade de um ambiente com estabilidade política, econômica e militar, geralmente essa estabilidade vinha sob a forma de um Estado forte (BUENO, 2002, p. 3; MCLAUGHLIN, 2012, p, 159-160) muitas vezes tomando a forma de impérios (BURBANK; COOPER, 2019, p. 26 -30).
2. A necessidade de fatores tecnológicos e por fatores, queremos nos referir, principiante em meios de transporte <sup>14</sup>, administração, produção e meios monetários<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Para Anderson( 1991 p 20) e Finlay ( 1973, p 20-34), não há no mundo antigo menções ao desenvolvimento comercial e possivelmente o comércio não seria capaz de mover grandes quantidades de riqueza, estranho não tocarem no Satyricon (PETRÔNIO, 1987) ou nos dados da alfandega romana, a título de comparação, César quando transforma a Gália em província estabelece para todo um circuito de mais de 3,2 milhões de passos, um tributo de 40 milhões de *sestércios* (Suetônio, 2012), não muito tempo depois as exportações feitas pelo através do Egito somariam um pouco mais de 27 milhões de *sestércios*, de forma semelhante as importações ficariam em 250 milhões de *sestércios* (MCLAUGHLIN, 2012, p. 217)

<sup>14</sup> Gruzinski explora as redes comerciais criadas na Mesoamérica e operadas pelos Pochtecas no século XVI, nessas redes comerciais é explorada o fato de ser uma rede com soluções baseadas inteiramente na força de tração humana e, portanto, deficiente quando posta em comparação com rotas comerciais do velho mundo (GRUZINSKI, 2015, p. 33-34)

<sup>15</sup> As rotas comerciais assumiam os mais variados modelos de pagamento, moedas de ouro e prata eram altamente valorizadas e usadas (FRANKOPAN, 2019, p.39, p.36, p.26; MCLAUGHLIN, 2012, p.77, p.36), mas outras formas de pagamento como o escambo também foram usadas ( BUENO, 2002, p. 66; FRANKOPAN, 2019, p. 39, p.31; FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 62), somando a isso tudo tinha a questão de que o câmbio era mais complexo do que parece, não apenas as moedas de ouro ou prata tinham pesos e tamanhos diferentes, mas havia dois grandes modelos monetários, enquanto um usava metais preciosos, o outro usava metais não preciosos (Scheidel, 2008).

3. A necessária e obviamente onipresente relação do risco com o lucro, como é bem lembrado por McLaughlin quando fala sobre os mercadores romanos que operavam no Índico, mas não seguiam até o Golfo Pérsico, já que o lucro apresentado era muito baixo em relação ao risco alto (McLaughlin, 2012, p. 217), ou quando Bueno explica como as frotas romanas que cruzavam o Índico cresceram de uma proporção de, prováveis 20 embarcações, para mais de 120 depois da descoberta dos regimes de vento da região o que melhorou os riscos e apresentou novas oportunidades de investimento (Bueno, 2002, p. 120)<sup>16</sup>.

Satisfeitos os requisitos de estabilidade, tecnologia e de uma boa relação risco/lucro, geralmente a rota permaneceria, não somente dentro do tempo escolhido dos primeiros três séculos, mas, como já foi demonstrado, uma rota que poderia perdurar por longas durações.

Nesse caso, novos esforços arqueológicos (Bueno, 2002, p. 4), uma nova minúcia na leitura dos documentos produzidos nessas sociedades (McLaughlin, 2012, p. 42), ou mesmo a emergência da história comparativa (Scheideil, 2009, p. 10), estão vindo para trazer um novo fôlego para o debate sobre o papel do comércio, e em especial, o papel das rotas de longa distância no mundo antigo. Possivelmente as novas descobertas e esse novo olhar para o mundo antigo e medieval, trarão novas luzes ao antigo debate Dobb-Sweezy, sobre o papel do comércio de longa distância na transição do feudalismo para o capitalismo (Mariutti, 2004).

---

<sup>16</sup> Em número totais de embarcações, entre os séculos 16 e 17, Portugal que tinha quase o monopólio do comércio no Índico entre europeus, enviou apenas 705 embarcações para comércio (MADDISON, 2001, p.63) o que daria uma média de praticamente 7,05 embarcações por ano, outra informação é como lidaram com os ventos de monção, no século 15 os portugueses descobriram como usar os ventos com um experiente navegador local que estava na costa da África (FRANKOPAN, 2019, p. 240), Já os romanos descobriram os sistema de monção através dos greco-egípcios, e esses por sua vez podem ter descoberto através de um naufrago indiano que guiou um navegador chamado Eudóxio durante o governo de Ptolomeu V (204 a181 a.C) (MOKHTAR, 2010, p. 162), Já no guia de navegação do primeiro século, "*Periplus Maris Erythraei*" , há a afirmação de que foi um navegador greco-egípcio acostumado com o Índico chamado *Hippalus* quem descobriu o sistema de monções primeiro, mas em todas as narrativas fica evidente o desconhecimento europeu sobre os sistema de navegação Índico.

### 3 SOBRE A COMPLEXIDADE COMERCIAL E DIPLOMÁTICA NAS ROTAS COMERCIAIS.

As evidências comprovando a existências de rotas comerciais, que colocavam em contato comunidades no mundo antigo são verdadeiramente extraordinárias, ainda mais quando fontes antigas também citam tais contatos (Bueno, 2002, p. 65; Mokhtar, 2010, p. 405; Mclaughlin, 2012, p. 42,). A quantidade dos achados arqueológicos e das inúmeras citações feitas dentro dessas sociedades reflete, ainda na antiguidade, um verdadeiro sistema comercial mundial.

Ao menos uma substancial porção da Afro-Eurásia, havia algum nível de contato comercial ou diplomático, ou até ambos (Bueno, 2002, p. 42). Vale salientar que no mundo antigo certos conceitos pareceriam serem lugares comuns, entre diferentes sociedades. Um deles seria alguma espécie de código de etiqueta e legislação interestatal (Burbank; Cooper, 2019, P.61, P.81-82; bueno, 2002, p. 83–85; kolb; Speidel, 2017, p. 403; Mclaughlin, 2012, p. 171-172), Cícero (106 – 43 a.C.) Marco Túlio Cícero chega a comentar as seguintes palavras;

A razão reta, conforme a natureza, gravada em todos os corações, imutável, eterna, cuja voz ensina e prescreve o bem, afasta do mal que proíbe e, ora com seus mandatos, ora com suas proibições, jamais se dirige inutilmente aos bons [...] não é uma lei em Roma e outra em Atenas, – uma antes e outra depois, mas uma, sempiterna e imutável, entre todos os povos e em todos os tempos (Cícero, 2019, p. 81-82)

Burbank e Cooper ao comentar a ideia de um conceito internacional de lei, ou, pelo menos etiqueta, lembram ainda no caso de Cícero, que o mesmo admoestava usando as seguintes palavras;

um juramento a uma nação inimiga deve ser honrado, mas não uma promessa de resgate a um pirata que não é um inimigo lícito, mas [...] um inimigo comum a todo mundo, e comum pirata não há base comum de palavras ou juramentos.  
(Burbank; Cooper, 2019, p. 61)

As palavras demonstram no mínimo um reconhecimento de outro poder, além de mostrarem que o fluxo de embaixadores e comerciantes serviria também como uma forma de legitimação de poder ou de status social das classes

dominantes <sup>17</sup>, e pôr fim do próprio Estado. Vale mencionar que esses relatos quando, se tratavam de documentos oficiais acabavam retratando o posicionamento entre as diferentes comunidades ao longo dessas rotas comerciais. Acontece que os mercadores também eram vistos como diplomatas oficiais (Bueno, 2002, p. 94; Mclaughlin, 2012, p. 169).

Como relata Kolb e Speidel, a respeito da ascensão de Augusto no mundo romano e seus relatos de visitas frequentes de diplomatas estrangeiros;

a aparição de tantos emissários estrangeiros na corte de Augusto, após sua ascensão ao domínio exclusivo sobre o mundo romano, é um dos muitos exemplos reveladores do eficiente transporte de notícias feito pelos comerciantes de longa distância para seus respectivos centros políticos (Kolb; Speidel, 2017, p. 401)

Por tanto acabam colocando o episódio como um exemplo revelador da eficiência do trânsito de informações ao longo das rotas comerciais, mas também do trânsito diplomático e mercantil, que acabaria fluindo junto com os interesses do Estado em se autopromover.

No mesmo século (1 d.C.) em que Augusto escreve sobre as muitas embaixadas recebidas de todo o mundo conhecido, a dinastia Han recebe e compila informações sobre “*Da Qin*”<sup>18</sup>, a poesia Tâmil na Índia antiga relata contato com romanos, inscrições de caravanas em Palmira relatam os contatos com partos, romanos e árabes.

Há também, as inúmeras evidências de moedas espalhadas pelas rotas comerciais; moedas romanas encontradas na Índia, sudeste asiático e China (Bueno. 2002. p. 71; Frankopan, 2019, p. 36; Mclaughlin, 2012, p. 36), moedas Chinesas nas estepes euroasiáticas (Mclaughlin, 2012, p. 117; Bueno, 2002, p.112) ou até mesmo achados de moedas romanas, kushans, e árabes no Aksun (Mokhtar, 2010, P. 409; Munro-Hay, 1991, p. 54). Há também uma profusão de

---

<sup>17</sup> Bueno fala como o fluxo de mercadorias com forte valor social agregado e o uso dos mercadores como embaixadores estrangeiros, acabaria sendo usado como uma forma de fazer reprodução social (BUENO, 2002, p. 23)

<sup>18</sup> O debate sobre os motivos dos textos chineses começarem a se referir ao Império romano como *Da Qin*, segundo Kolb; Speidel, seria por uma visão de ver uma contra china no outro lado do mundo, ainda segundo os mesmo, a falta de transcrições ecoaria um paralelo com os textos romanos do mesmo período, onde os chineses acabariam sendo chamado de seres, embora o conceito de mundo habitado na Roma e China imperiais, acabassem integrando o *Da Qin* (Roma para china) e os Seres (China pra os romanos), além de colocar agora algum interesse estabelecer relações e conhecer o outro mais fortes a partir do século 1. (KOLB; SPEIDEL, 2017, p. 400)

textos sobre a geografia, história ou manuais comerciais e relatórios oficiais feito por Estados em diferentes partes das rotas comerciais (Bueno 2002 p. 29-38; Mclaughlin, 2012, p. 32).

Por fim, há uma quantidade cada vez maior de evidências recuperadas pela arqueologia, textos grafitados em paredes e cavernas, rabiscados em argilas, papiros, cerâmicas e os mais variados bens comerciais fruto de culturas distantes daquelas onde foram encontradas (Frankopan, 2019, P. 21-49; Mclaughlin, 2012, P. 23; Mokhtar, 2010, p. 414).

Existe até mesmo um alegado achado de esqueletos de pessoas do leste asiático dentro dos territórios do Império Romano (Killgrove, 2016, p. 1), ou um naufrágio na costa indiana que provavelmente está ligado as rotas comerciais romanas nos séculos I ao III d.C. (Godawaya: [...], 2010).

No caso das rotas comerciais seguidas por embarcações romanas dentro desse espaço de tempo, há também o recentemente descoberto *Papiro de Muziris*<sup>19</sup>, que registra as viagens comerciais de uma embarcação chamada Hermapollon<sup>20</sup> entre o Egito romano e Muziris na Índia (Frankopan, 2019, p. 35; Mclaughlin, 2012, p. 62).

Existe também uma vasta gama de comprovações de contatos diplomáticos e comerciais, comerciantes eram vistos como uma fonte valiosa de informação (Kolb; Speidel, 2017, p. 413), rotas comerciais eram vitais para financiar grandes Estados e eram desejadas pelos mesmos (Kolb; Speidel, 2017, p. 407- 408, Mclaughlin, 2012, p. 189). Por tanto não há como negar a vasta rede de contatos e sofisticação comercial na antiguidade, principalmente no nosso recorte temporal, dentro desse recorte um grande número de Estado entre, impérios, reinos, tribos e cidades estados, entraram numa longa estabilidade financeira, comercial e militar, em consequência, acabaram por levar estabilidade para grandes áreas sob sua influência (Kolb; Speidel, 2017, P. 396).

---

<sup>19</sup> O *Papiro de Muziris* é mais do que apenas uma evidência do comercio de longa distância através de embarcações, mas, por se tratar de um contrato definindo os termos de um despacho comercial, estipulando datas de envio e entrega, somas investidas e multas, caso as somas não fossem pagas nas datas estipuladas, acaba sendo também uma evidência da complexidade e sofisticação do comercio de longa distância (FRANKOPAN, 2019, p. 35-36).

<sup>20</sup> Mclaughlin comenta como na mitologia grega Hermes seria associado seria associado as mensagens rápidas e longas distâncias, enquanto Apolo viajaria diariamente atravessando distâncias colossais levando o sol, por isso sendo adorados entre os comerciantes que realizavam a difícil travessia no Oceano Índico indo do Egito romano para a Índia e retornando seguindo os ventos de monções (MCLAUGHLIN, 2012, p. 62)

Como já foi mencionado, no final de sua vida Augusto (63 a.C. 14 d.C) escreve o relato das muitas embaixadas recebidas no momento de sua posse na frente do Império Romano.

Embaixadas de reis na Índia eram frequentemente enviadas para mim, nunca antes tinham sido vistas com qualquer comandante romano. Os bastarnae, os citas e os reis dos sármatas em ambos os lados do rio Don, e os reis dos albaneses, dos ibéricos e dos medos enviaram embaixadas em busca de nossa amizade.

Os seguintes reis procuraram refúgio comigo como suplicantes: Tirídates, rei da Pártia, e mais tarde Fraates, filho do rei Fraates; Artavasdes, Rei dos Medos; Artaxares, Rei dos Adiabeni; Dumnobellaunus e Tincommius, reis dos bretões; Maelo, Rei dos Sugambri; ... Rus, rei dos Marcomanni e Suebi. Fraates, filho de Orodes, rei da Pártia, enviou todos os seus filhos e netos para mim na Itália, não porque ele tivesse sido vencido na guerra, mas porque ele buscou nossa amizade prometendo seus filhos. Enquanto eu era o principal cidadão, muitos outros povos experimentaram a boa fé do povo romano que nunca antes havia trocado embaixadas ou mantinha relações amistosas com o povo romano.

Os povos Parta e Meda enviaram-me embaixadores de sua nobreza que procuraram e recebeu reis de mim, para os partos Vonones, filho do rei Fraates, neto do rei Orodes, e para os medos, Ariobarzanes, filho do rei Artavasdes, neto do rei Ariobarzanes. (Augustus, 14, p. 7, tradução nossa)

O imperador Augusto (Augusto reina de 27 a.C. Até o ano de sua morte em 14 d.C.) fazendo essa afirmação tinha propósitos políticos, mas também revelou o alcance da estabilidade nos transportes e na circulação de informações no momento em que acende ao império, claramente uma embaixada vinda de regiões vinda da Índia, ou da Ásia Central tiveram, não apenas que atravessarem distâncias colossais, mas também perigos inimagináveis, para missões diplomáticas, as dificuldades são até mesmo demonstradas quando é lembrado que; “Embaixadas de reis na Índia eram frequentemente enviadas para mim, nunca antes tinham sido vistas com qualquer comandante romano” (Augustus, 14, p. 7, tradução nossa), uma clara demonstração que as redes comerciais e diplomáticas eram agora maiores do que as que haviam sido vistas em outros momentos do Império Romano.

Outro relato que mostra o alcance e complexidade do comércio no mundo antigo, está contido no Périplo do Mar Eritreu<sup>21</sup>, este seria uma espécie de

---

<sup>21</sup> Em grego (*Periplous tes Erythras Thalasses*), conhecido pelo seu nome em latim (*Periplus Maris Erythraei*), Embora o termo signifique literalmente, “periplo do Mar Vermelho”, não se trata aqui do nosso Mar Vermelho, mas da definição dada pelos antigos onde o Mar Vermelho era além do nosso o Golfo de Adem e partes do Índico, também não abordaremos o funcionamento do comércio por vias terrestres, uma vez que as condições climáticas faziam com que uma

manual comercial escrito em grego e contendo informações práticas sobre portos no Egito, Índia, África e Arábia. Também continha informações sobre valores, bens e guias de navegação.

O texto provavelmente foi escrito por alguém com experiência comercial e naval em seguir por rotas saídas do Egito e terminadas na Índia, O manual foi escrito, provavelmente entre os anos 40 e 70 da nossa era (Casson, 1989, p. 21; Mclaughlin, 2012, p. 23).

No Périplo do Mar Eritreu existe também relatos de rotas comerciais marítimas que faziam o caminho inverso, algumas saídas da Indonésia ou Sudeste asiático<sup>22</sup> e atravessando o Índico para ir as costas da Índia ou Socotra (Bueno, 2002, p. 66; Casson, 1989, p. 123). Outras rotas saídas dos territórios controlado pelo Kushans com paradeiros que podem ir de Socotra, até outras partes da Índia (Bueno, 2002, P. 47; Casson, 1989, P. 189; Mclaughlin, 2012, P. 67).

Por fim, rotas saídas do Egito, do Império do Aksum e da Península Arábica e que iriam para a costa oriental da África, Índia ou para territórios controlados pelos Kushans (Casson, 1989, p. 40; Mclaughlin, 2012, p. 46; Mokhtar, 2010, p. 618).

Essas rotas descritas no Périplo do Mar Eritreu operavam com cargas substanciais, no mencionado Papiro de Muziris é descrito como o cargueiro egípcio que fazia a rota saída do porto de Berenice ou Myo Hormos no Egito romano e iria até Muziris, no sudoeste da Índia, esse cargueiro carregava consigo cargas enormes na volta, no mínimo sua carga em mercadorias seria de 140 toneladas, e provavelmente essa carga seria apenas de pimenta ou malabatro<sup>23</sup> (Casson, 1990, p. 199; Mclaughlin, 2012, p. 266).

---

embarcação fosse obrigada a passar sua carga por terra na fronteira sul até o Nilo e do Nilo para Alexandria (CASSON, 1989, p.94; MCLAUGHLIN, 2012, p. 51-56).

<sup>22</sup> Muitas dessas rotas marítimas seguiam caminho para a China pelo Pacífico e acabavam nos portos do sul da China (BUENO, 2002, p. 91; FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 61,124; FRANKOPAN, 2019, p. 202)

<sup>23</sup> Economias pré-modernas eram capazes de operar em escalas enormes e chegar a comunidade muito povoadas, para comparação a China Song por volta do século 10 ao 11 já teria 100 milhões de habitantes e no século, em 1078 o norte da China Song produzia cerca de 114 mil toneladas de ferro gusa, a Inglaterra 700 anos depois produziria metade dessa quantidade (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006, p. 110) , o Brasil chegaria nessa quantidade em 1900 (Pelaez, 1968), mas teria uma população de pouco mais de 17 milhões (MEMÓRIA [...], 2000).

As rotas descritas no Périplo do Mar Eritreu são também mencionadas na Índia antiga, em seus textos os *Yavana* ou *yonacas*, um termo que provavelmente vem de Jônio, e que pode ter suas origens em *yauna* que era como os persas chamavam os gregos, com os quais tinham mais contato, ou ainda em formas de descrever os reinos criados depois das conquistas de Alexandre e próximos ao subcontinente<sup>24</sup> (Bueno, 2002, P. 69; Mclaughlin, 2012, P. 32). Nesses Relatos Os Romanos são mostrados como artesãos, mercadores, mercenários e visitantes que chegam em barcos extraordinários trazendo ouro e bens desejados, conforme o registro nos mostra:

mulheres usando suas pulseiras brilhantes trazem para você o vinho fresco e perfumado trazido aqui em seus excelentes navios pelos gregos e as mulheres o servem em jarras feitas de ouro que foram moldadas com grande habilidade (Hart; Heifetz, 2002, p. 42, tradução nossa)

Relatos que são corroborados mais uma vez na Roma antiga, Pérsio, um poeta satírico do primeiro século d.C. Fez alusão ao comércio com a Índia em sua quinta sátira. Como podemos ver aqui na tradução comentada por Haroldo Bruno:

Há mil tipos de homens e diferentes maneiras de vida; cada um tem o seu querer e não se vive sob um único desejo. Ao nascer do sol, há quem troque pimenta enrugada e grãos de cominho empalidecem por produtos da Itália <sup>25</sup>(Bruno, 1980 p 149)

A pimenta vinda da Índia, era um condimento que gerou um fascínio entre os romanos, comentando as referências textuais na costa da Índia, Mclaughlin lembra que os comerciantes nos portos tâmeis se referiam a pimenta como “*Yavanapriya*” que traduzido seria algo como; “paixão romana” (2012 p. 78).

Essa paixão levaria uma enorme quantidade de moedas para a costa ocidental da Índia, tantas moedas que é provável que alguns governantes

---

<sup>24</sup> Em relação ao termo Casson lembra que mesmo que *yavana* fosse usado para ocidentais no geral, os poemas que vem do 2º ao 3º século d.C, só poderiam se referir a comerciantes do Egito romano, pois o contexto de navegar trazendo prata e partir com pimenta só poderia ser relativo a essa parte do império Romano (CASSON, 1989, p. 296).

<sup>25</sup> A Pimenta Indiana era denominada “*Rugosun*” porque era deixada sob a luz do sol, processo que deixava a pimenta enrugada e de cor escura, fazia-se um medicamento ingerido com água e vinho, esse medicamento levava a palidez, por isso Pérsio chamava o medicamento de “*pallentis*”. (BRUNO, 1980, p.160)

usassem essas moedas como seu próprio meio circulante <sup>26</sup> (Frankopan, 2019, p. 33), história semelhante é registrada na passagem:

Os grandes e belos navios [...] chegam trazendo ouro, espalhando a espuma branca pelas águas do [rio] Periyar, e voltam em seguida carregados de pimenta. Aqui a música do mar ondeante nunca para, e o grande rei presenteia seus visitantes com raros produtos do mar e da montanha. (PARKER, 1994, Apud FRANKOPAN, 2019, p. 36)

Relatos antigos e descobertas da arqueologia moderna também confirmaram ligações comerciais da África subsaariana ou tropical com o Império Romano. No Périplo do Mar Eritreu temos informações de mercados, portos e produtos do “lado distante”, estes seriam todos os portos além do que hoje conhecemos como, Estreito de Bab el Mandeb (Casson, 1989, p. 115; Kolb; Speidel, 2017, p. 399; Mclaughlin, 2012, p. 96-99; Mokhtar, 2010, p. 608; Munro-Hay, 1991, p. 12).

Mercados africanos do lado somali do Golfo de Adem, onde seus habitantes são descritos como “bárbaros”, O autor Plínio, o Velho (23-79 d.C) ao descrever a região, se referia nela, como terra dos trogloditas; “*Maximum hic emporium Troglodytarum, etiam Aethiopum ...*” (Mokhtar, 2010, P. 352, 377; Mclaughlin, 2012, p. 253).

É aconselhado no Périplo do Mar Eritreu que as missões comerciais para o “lado distante” saiam do Egito em julho, no conselho ele faz um alerta para tomar cuidado com seus habitantes que são descritos como indisciplinados (Casson, 1989, p. 55).

A primeira parada no “lado distante” seria Avalites, o autor do Périplo do Mar Eritreu descreve os produtos comercializados, a melhor forma de ancorar, o melhor mercado e envia o alerta já mencionado sobre seus habitantes “bárbaros” serem indisciplinados:

A esta altura, o Golfo Árabe [Mar Vermelho] se dirige para o leste e em Avalites está no seu ponto mais estreito. Depois de cerca de 4.000

---

<sup>26</sup> O valor da moeda romana era levado com mais cautela na Índia do que dentro do próprio Império Romano (SCHEIDEIL, 2008, p. 40-49), mas levando em consideração as funções que uma moeda tem que ter de ser um meio de troca, uma reserva de valor e uma unidade de conta, é possível que o câmbio sobre moedas mercadorias as fariam, necessariamente, passar por uma análise de valor intrínseco, muito mais cuidadosa no comércio de longa distância. (SANDRONI, 1999, p. 406-407).

estádios<sup>27</sup> em direção ao leste ao longo da mesma costa, vêm o resto dos portos de comércio dos *barbaroi*, aqueles chamados "lado distante", colocados em fila e oferecendo, por meio de ancoragens e enseadas, amarração adequada quando a ocasião exigir. O primeiro é chamado Avalites; nele a travessia da Arábia para o outro lado é mais curta. Neste local existe um pequeno porto de comércio, nomeadamente Avalites, onde jangadas e pequenas embarcações são colocadas. Oferece mercado para: pedras de vidro variadas; alguns das azeitonas verdes que vêm de Dióspolis; diversas peças de roupa para os *barbaroi*, limpo por pisoamento; grão; vinho; um pouco de Estanho. As exportações aqui, com o transporte para Okelis e Muza na margem oposta, por vezes realizadas pelos *barbaroi* em jangadas, são: aromáticos; um pouco de marfim; carapaça de tartaruga; uma quantidade mínima de mirra, mas mais fina do que qualquer outra. Os *barbaroi* que habitam esse local são bastante indisciplinados. (Casson, 1989, p. 55, tradução nossa)

A descrição de Avalites descreve um comportamento comercial que mostra a sofisticação do comércio de longa distância para os antigos, “diversas peças de roupa para os *barbaroi*, limpo por pisoamento”<sup>28</sup> (Casson, 1989, p. 55, tradução nossa). Segundo o autor as roupas vendidas no “lado distante” foram preparadas para o comércio, em outras passagens do *Periplus Maris Erythraei*, essa preparação especificamente para o comércio se torna cada vez mais complexa, o cuidado comercial chega ao ponto de fazerem produtos especificamente para exportação, como comenta Bueno:

Os romanos possuíam diversas manufaturas cuja produção estava fortemente vinculada aos mercados estrangeiros, tanto dentro como fora dos limites imperiais. É o caso do vidro e dos perfumes feitos na Síria e no Egito, que eram vendidos, no Oriente Próximo, para mercadores gregos, latinos, indianos, partos e até chineses, ocasionalmente. Estes produtos eram levados para todas as províncias do império, onde eram utilizados pelas elites locais como símbolos de ostentação, prestígio e civilização. Esta prática social, encontrada também na China, na Índia e na Pártia, dava ensejo a importação dessas mercadorias de luxo, que atingiam preços excelentes fora do limes romano. (BUENO, 2002, p. 118-119)

---

<sup>27</sup> O autor do Périplo calcula as distâncias em estádios (*stadion* no grego), a medida não é exata e variava muito, mas a medida aproximada de 600 pés (*podés* no grego), aproximadamente entre 185 m aos 210 m, devido a impossibilidade de terem meios de medir distâncias náuticas, o Périplo tem medidas da costa próxima ao Egito, e possivelmente conhecido, medida em estádios e em corridas (*dromoi* no grego), para distâncias depois do cabo Guardafui, uma corrida seria a distância percorrida durante um dia inteiro, e equivaleria aos 1000 estádios, sendo 500 estádios para uma corrida de dia e 500 para uma corrida noturna, segundo Casson geralmente distâncias com até 2500 estádios, as medidas do périplo tem margem de no máximo 20% (CASSON, 1989, p. 279)

<sup>28</sup> A limpeza de roupas no Império Romano, poderia ser feito por um serviço profissional semelhante as nossas lavanderias *chamadas*, “*fullo*”, como os antigos não conheciam o sabão, usavam diferentes formas de Alcalis, destes a mais usada era a urina que poderia ser coletada em recipientes colocados nas esquinas, Marcial (38-102 d.C) nos conta que o imperador Vespasiano (9 – 79 d.C) chegou até mesmo a criar um imposto pago pelas *fullo* (SMITH, 2014)

Ainda no caso das exportações chinesas, há também o fato de que, os Han exerciam um controle direto sobre a seda, sua produção era segredo de Estado e tinham total consciência de seu alto valor dentro e fora do Império Han (Bueno, 2002, P. 93, P 106; Kolb; Speidel, 2017, p. 398), antes do “lado distante” o Périplo do mar Eritreu nos apresenta Zoskales, rei dos aksumitas e que também parece controlar o comércio externo como podemos ver.

O governante dessas regiões, desde os Moschophagoi até o resto dos *barbarike*<sup>29</sup>, é Zoskales, um defensor de suas posses e sempre disposto a conseguir mais, mas em outros aspectos é uma boa pessoa e bem versada na leitura e escrita de grego (Casson, 1989 p 53, tradução nossa)

A apresentação de Zoskales acaba revelando não apenas um controle mais rígido por parte da elite do Aksum,<sup>30</sup> mas também acaba dando outra mostra que a produção romana poderia ser voltada para exportação. Nesse o texto nos informa a prática de produção para exportação da seguinte maneira.

grandes recipientes redondos de cobre; um pouco de dinheiro romano para os estrangeiros residentes; quantidades limitadas de vinho de Laodicéia e Itália; azeite. Para o rei, prataria e ourivesaria confeccionadas à maneira local; em roupas, *abollaie kaunakai* [mantos pesados], sem adornos e de preço modesto. Da mesma forma também, do interior de Ariake: ferro e aço indianos... (CASSON, 1989, p. 53 - 55, tradução nossa)

Evidências também mostram outra forma de controle direto sobre produtos importados e exportados do Aksum, assim como no caso do Império Han que controlava a produção de seda, o Aksum controlava a extração de marfim e a domesticação de elefantes (Mokhtar, 2010, p. 400; Munro-Hay, 1991, p. 142).

E também como os chineses conheciam o alto valor da seda, no Aksum havia a consciência do alto valor do marfim em quase todas as sociedades ligadas a esse enorme sistema comercial (Bueno, 2002, P. 89; Casson, 1989, p.

---

<sup>29</sup> O autor chama toda a região da costa do mar vermelho e vale do Nilo de *barbarikê*, terra hostil e habitada por comedores de brotos e talos (*Moschophagoi*), comedores de peixe (*Ichthyophagoi*) ou comedores de animais selvagens (*Agriophagoi*).

<sup>30</sup> Há um debate sobre a posição de Zoskales como o líder de Aksum, líder submisso ao Aksum ou mesmo se ele seria rei de algum outro povo (CASSON, 1989, p. 109 -110; MUNRO-HAY, 1991, p. 21; MOKHTAR, 2010, p. 399)

222, p. 156; Frankopan, 2019, P. 31; Kolb; Speidel, 2017, p. 402; Mokhtar, 2010, p. 401; Mclaughlin, 2012, p. 95).

O cuidado com manuseio de mercadorias importadas e exportadas era tanto, que Plínio, o Velho relata a seguinte experiência vivida em Alexandria:

Por Hércules! em Alexandria, onde se manuseia o incenso, nenhuma medida de segurança é suficiente para proteger eficazmente as instalações; as calças dos trabalhadores têm uma marca distintiva, uma máscara ou uma rede apertada é colocada em suas cabeças, e eles são obrigados a sair nus: até então o castigo impõe menos respeito entre nós do que entre aqueles (Plínio, 2010, p. 55, tradução nossa)

Não sabemos o estado que o incenso chegou aos portos egípcios, sabemos que foram importados da Arábia, do Aksum e do “lado distante”, mas se vieram em cristais soltos ou compactado, mas se sabe que o mesmo incenso foi usado para produzir óleo que seria comercializado no Mediterrâneo ou reexportado (Plínio, 2010, p. 55-56). Esse cuidado mostra também que os antigos realizavam algum processamento nas suas mercadorias para fazer seu valor aumentar e assim obter mais lucro, algo interessante é que essas mercadorias importadas e processadas poderiam ser reexportadas com lucro, mas muitas vezes a caravana ou uma frota mercante poderia revender produtos comprados, em portos anteriores nos portos mais distantes, como mostra o relato do Périplo:

Depois de Avalites, a cerca de 800 estádios de distância, vem outro, melhor, porto de comércio chamado Malao ... As exportações desta área são: mirra, um pouco de incenso “lado distante”; uma cássia, *duaka*, *kankamon*, *makeir* bastante dura, cujos itens são exportados para a Arábia; em raras ocasiões escravos<sup>31</sup> (Casson, 1989, p. 55, tradução nossa)

Essa prática de processar e reprocessar produtos importados para depois reexportar ou vender no mercado interno era conhecida pelos mercados que

---

<sup>31</sup> *duaka*, *kankamon*, *makeir*, são termos que não tem tradução exata, produtos indianos e africanos podem ser suas traduções, mas canela, incensos, mirra dentre outros produtos eram amplamente importados e exportados, por embarcações gregas, árabes, indianas e africanas, o resultado é que os escritores não tinham certeza da origem dos produtos, por exemplo, o caso da cássia e da canela que eram comercializados por navios indianos e árabes para o “lado distante” ou o Aksum e mantinham segredo do comércio, mas escritores como Estrabão (64 a.C. – 24 d.C.) e Filóstrato (170-250 d.C.) questionaram a crença de que esses produtos não seriam africanos, mas na verdade asiáticos (CASSON, 1989, p. 123-126, ).

recebiam essas mercadorias, os chineses relataram no *Weilue*<sup>32</sup> sobre como os romanos reprocessavam sua seda.

suas cores têm uma aparência mais brilhante do que as cores fabricadas nos países a leste do mar [Oceano Índico]. Além disso, eles estão sempre ansiosos para obter seda chinesa para cortá-la a fim de fazer *huling* [tecidos mais finos ou estampados], razão pela qual frequentemente negociavam por mar com os países de *Anxi* [Pártia]. (Hirt, 1885, p. 63, Tradução Nossa)<sup>33</sup>

A manufatura de tecidos era altamente lucrativa nesse complexo sistema comercial, Mclaughlin (2012, p. 215-216), lembra que Plínio revelou, que alguns artigos importados são vendidos por 100 vezes o custo original e que possivelmente esses artigos seriam tecidos retrabalhados.

O comercio com a Índia poderia dar um lucro de pelo menos 10 vezes o investimento, e o reprocessamento de certas mercadorias poderiam dar um retorno de pelo menos mais 10 vezes um processo semelhante ocorreu nas mesmas rotas comerciais e com os mesmos produtos, mas durante o século XVI, M. N. Pearson nos dá pro exemplo os custos exigidos para que tais produtos fossem da Índia para Europa no século XVI.

[...] o preço de um quilo de pimenta à medida que mudava de mãos era enorme – custava 1 ou 2 gramas de prata no local de produção, subia para 10 a 14 em Alexandria, 14 a 18 em Veneza e 20 a 30 nos países consumidores da Europa. (Pearson. M. N, 2006, apud Cartwright, 2021)

Ainda sobre os preços, o édito de preços de Diocleciano (*Edictum de pretiis rerum venalium*)<sup>34</sup>, feito exatamente no começo do 4º século há o registro de preços máximos de mais de 1200 produtos e serviços, nesses registros há uma diferença entre preços de seda tingida de púrpura e seda branca, sendo a

<sup>32</sup> O *weilue*, ou *wei lu* ou ainda *wei lio* é um texto histórico feito para contar a história da dinastia Wei (220-266), embora seja posterior ao nosso corte temporal, hoje se acredita que boa parte dele seria baseado em escritos mais antigos (BUENO, 2002, p.36; HIRT, 1885, p. 22-23,) ainda segundo segundo Bueno (2002, p.36), por conter informações das relações da China com o Ocidente, podendo assim ser usadas como um forma de enxergar a trajetória do raciocínio chinês diante do Ocidente.

<sup>33</sup> Segundo Bueno, algumas listas do *weilue* tem produtos cujo o sentido original se perdeu e seus nomes chineses já não possuem sentido inteligível (BUENO, 2002, p.110).

<sup>34</sup> Na tentativa de impor estabilidade ao Império Romano que sofrera com uma severa crise durante o terceiro século, o imperador Diocleciano (284–305 d.C.) impôs grandes reformas no império, dentre elas um édito sobre preços, uma reforma fiscal, e uma reforma sobre o teor metálico nas moedas (FRANKOPAN, 2019, p. 41-42; SCHEIDEIL, 2009, p. 47-49).

seda tingida mais de 12 vezes mais cara que a branca, além do fato do édito revelar altos preços para seda ou trabalhos com seda sendo a libra de seda tingida o mesmo preço que um leão capturado (Kropff, 2016, p. 2; Mclaughlin, 2012, p. 216).

Vemos que evidências da existência de uma rede comercial dentro de nosso recorte temporal, entre o século I ao III d.C., não apenas são comuns, mas também que atestam uma complexidade muito grande. De fato, os impactos financeiros dessas grandes rotas poderiam ser sentidos facilmente nos grandes Estados da Afro-Eurásia.

Ainda mais na manutenção e financiamento de grandes estruturas políticas e nas diversas formas de imperialismo que não poderiam ser facilmente sustentados sem receitas, e essas receitas poderiam facilmente ser advindas das tributações dessas grandes empreitadas comerciais (Bueno, 2002, p. 24; Mclaughlin, 2012, p. 217).

A maior parte das pessoas no mundo antigo nutria esperanças baseadas nas possibilidades locais, por tanto, a capacidade de empreender na imensa maior parte dos casos, não poderia ser por longas distâncias, o que mesmo hoje, salvo obviamente as devidas proporções, ainda é uma realidade (Gomes, 2020, p. 84).

Ainda assim redes comerciais se entrelaçavam e criavam um sistema comercial e de interações complexo, sofisticado e por longa distância<sup>35</sup>, gostos, princípios, religiões, sistemas monetários e as mais diversas práticas sociais eram modificados por produtos e acontecimentos a milhares de quilômetros (Mclaughlin, 2012, P. 115; Bueno, 2002, P. 21-24; Frankopan, 2019, p. 43). Mesmo dentro de Grandes Estados, grandes rotas comerciais foram descritas, no Caminho Para Jerusalém, Paulo descreve uma embarcação que possivelmente fazia a mesma rota, já descrita aqui e seguida pelos Fenícios e Hebreus (Bíblia [...], 1993, p.725-727).

Depois de nos apartarmos, fizemo-nos à vela e, correndo em direitura, chegamos a Cós; no dia seguinte, a Rodas, e dali a Pátara. Achando um navio

---

<sup>35</sup> Talvez de todas as grandes rotas cruzadas por produtos e ideias nenhuma seja mais famosa que a “rota da seda”, o termo foi cunhado pelo historiador alemão Ferdinand von Richthofen (parente do famoso aviador) no século XIX, seu termo ficaria famoso por denominar o circuito que levaria produtos, ideias, exércitos, religiões e práticas de um canto a outro do mundo por milênios, Hoje o governo Chinês tem planos para reiniciar a rota com uma nova roupagem sob o plano, “One Belt, One Route” (Mclaughlin, 2012, P. 118-123; Bueno, 2002, P. 68; Casson, 1989, P.26-27; Frankopan, 2019, p. 18-45, p 540-554 ).

que ia para a Fenícia, embarcamos nele, seguindo viagem. Quando Chipre já estava à vista, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria e chegamos a Tiro; pois o navio devia ser descarregado ali. [...] despedindo-nos uns dos outros, então, embarcamos; e eles voltaram para casa. Paulo em Cesaréia Quanto a nós, concluindo a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida, onde saudamos os irmãos, passando um dia com eles. No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia [...] tendo feito os preparativos, subimos para Jerusalém; (BÍBLIA [...], 1993, p.2385-2386)

Agora essa rota era inteiramente seguida dentro do Império Romano, com Roma controlando todos os portos e todas as receitas pagas pelos navios mercantes como os que Paulo usava para fazer suas jornadas. Os impactos dessas redes comerciais são descritos por Plínio que faz uma reclamação dos gastos feitos com luxos femininos e refinamentos supérfluos pelos ricos de Roma.

Mas a Arábia tem um mar muito “feliz” até agora, dele se obtém pérolas; e segundo um cálculo feito às escondidas, verifica-se que a Índia, os seres e aquela península tiram do nosso Império todos os anos cem milhões de sestércios; é isso que nos custam nossos refinamentos caros e as mulheres. Realmente, quanto desse dinheiro, pergunto eu, vai para os deuses, mesmo os infernais? (PLÍNIO, 2010, p. 69-70, tradução nossa)<sup>36</sup>

Plínio não seria o único a reclamar dos gastos com produtos orientais e caros, Tácito (56-c 117 d.C), Horácio (65 a.C – 8 a.c.), Suetônio dentre outros nomes famosos, nomes entre historiadores, poetas, políticos e generais, todos viriam reclamar de tais gastos.

Como já mencionado, a sátira escrita por Petrônio, *O Satiricon*, e que narra com humor ácido os hábitos desses novos ricos do século I que esbanjavam luxos e poder advindos dos altos lucros do comércio romano com o Oriente.

Seu personagem principal, Trimalcião, um novo rico, que em seu grande banquete palita seus dentes com palitos de prata, joga em tabuleiros de madeiras nobres com peças de prata e ouro, e serve os mais caros e absurdos pratos (PETRÔNIO, 1987).

Trimalcião conta como chegou a riqueza e sua descrição de como fez isso é uma boa confirmação do impacto dos empreendimentos comerciais em Roma.

---

<sup>36</sup> Ptolomaida, também chamada de Acre ou Aco, situado ao norte de Cesaréia e sendo acessível por mar ou terra, durante boa parte de sua existência as cidades eram grandes empórios comerciais, até a Primeira Guerra Mundial, mas especialmente durante o medievo (BÍBLIA [...], 1993, p. 2385; FRANKOPAN, 2019, p. 159, 357)

Em uma viagem, eu embolsei, redondo, dez milhões de sestércios<sup>37</sup>. Logo, pude comprar todas as propriedades que tinham sido de meu senhor. Compro animais para revendê-los. Tudo o que tocava crescia como um favo. Houve um momento em que me vi mais rico do que toda a região em que morava. Larguei o comercio e comecei a viver de emprestar dinheiro a juros a novos libertos candidatos a milionários. (PETRÔNIO, 1987, p. 102),

No Império Han, os impactos também seriam sentidos, além das citadas especiarias, seda, escravos “exóticos”, animais, e pedras preciosas (dentre essas pedras a jade era de especial valor), ouro, vidro romano, olíbano e Mirra provenientes da Arabia e do Aksum e até mesmo pêssegos importados de Samarcanda eram usados como símbolo dos gastos de novos ricos (BUENO, 2002, p. 105-106; FRANKOPAN, 2019, p. 37; MCLAUGHLIN, 2012, p. 172-173).

No *Weilue*, há uma lista com produtos importados de Roma, e assim como no *Periplus Maris Erythraei*, a origem de cada mercadoria não é oferecida de forma correta, mas como comentado anteriormente, a maioria das rotas não eram inteiramente seguidas pelo mesmo comerciante, mas por uma sucessão de intermediários.

Temos em outro texto chinês, o *Liang shu*, que embora tenha sido escrito depois do nosso recorte temporal, e baseado em fontes Han. No *Liang Shu* e atestado a mentalidade chinesa em relação ao comércio externo como também uma lista de produtos e locais.

No Oeste (Tianzhu ou Índia) eles realizam muito comércio por mar para Daqin (Roma) e Anxi (Pártia), especialmente em artigos de Daqin, como todos os tipos de coisas preciosas, coral, âmbar, jin bi [jade dourado], zhu ji [uma espécie de pérola], lang gang, yu ji [cúrcuma?] e estoraque. O estoraque é feito misturando e fervendo o suco de várias árvores perfumadas; não é um produto natural. Diz ainda que os habitantes de Daqin colhem o estoraque (planta, ou partes dela), espremem seu suco e assim fazem um bálsamo (xiang gao); eles então vendem seus produtos aos comerciantes de outros países; passa

---

<sup>37</sup> O sestércio era uma das moedas mais comuns na vida diária de um romano, durante nosso recorte temporal ele seria feito de aproximadamente 26g de *orichalcum*, uma liga dourada e já em uso no Mediterrâneo antes dos romanos, no complexo sistema monetário romano, 100 sestércios valeriam um áureo, cunhado com 8g de ouro e 4 sestércios valeriam um denário, moeda cunhada com 3,9g de prata, outras moedas legais também circulavam em Roma e algumas províncias mantiveram seus próprios sistemas de cunhagem, o comércio externo era provavelmente feito por um sistema de pesos equivalentes, e as moedas poderiam ter seus metais preciosos tidos como mercadorias em si, o que explica como a invenção de uma balança portátil na China Han, acabaria sendo descoberta em sítios arqueológicos romanos, chineses, indianos e no Aksum (METCALF, 2012, p. 280-281; BUENO, 2002, p. 132; MOKHTAR, 2010, p. 462-463).

assim por muitas mãos antes de chegar à Zhong guo (China). (HIRT, 1885, p. 45-46, Tradução Nossa)

No comentário há também a menção a escravos, “anões coloridos”, provavelmente anões negros trazidos do “lado distante”, ou até mesmo do Aksum, e, embora a China não fosse escravista, e estivesse longe de Roma nesse aspecto, ainda assim a dinastia Han foi na longa experiência imperial chinesa, a que teve o maior contingente de escravos na dentro de suas fronteiras (BUENO, 2002, p. 105; HIRT, 1885, p. 46).

Em nosso recorte temporal a importância social e financeira do comércio externo, como todas as evidências mostram, já seria facilmente uma parte importante do mundo antigo na Afro-Eurásia, os impactos dessas redes de comércio e diplomacia apareceriam entre nômades das estepes eurasiáticas, nos reinos indianos, indonésios e árabes, nos grandes impérios dos romanos, chineses e partos, no nascente Império do Aksum nas tribos espalhadas pela Europa, África e Ásia ( MCLAUGHLIN, 2012; FRANKOPAN, 2019, p. 21-49; BUENO, 2002; MOKHTAR, 2010 p. 351-425).

Certamente esse mundo já exibia contornos de uma complexidade política e econômica bem maior do que podemos imaginar, como bem nos mostra Frankopan.

Dois milênios atrás, as sedas feitas à mão na China eram usadas pelos ricos e poderosos em Cartago e outras cidades do Mediterrâneo, e a cerâmica manufaturada no sul da França podia ser encontrada na Inglaterra e no Golfo Pérsico. Especiarias e condimentos cultivados na Índia eram usados nas cozinhas de Xinjiang e nas de Roma. Edifícios no norte do Afeganistão ostentavam inscrições em grego, e cavalos da Ásia Central eram montados orgulhosamente milhares de quilômetros a leste. Podemos imaginar a vida de uma moeda de ouro há dois milênios, estampada talvez numa casa de moeda provincial e usada por um jovem soldado como parte de seu pagamento para comprar bens na fronteira norte na Inglaterra, e reencontrando seu caminho para Roma nos cofres de um oficial imperial, enviado para coletar impostos, antes de passar às mãos de um comerciante que se dirigia ao Oriente, quando seria usada para pagar por produtos comprados de comerciantes que tinham vindo vender suas provisões em Barygaza. Ali seria admirada e apresentada a líderes no Indocuche, que ficariam maravilhados com seus desenhos, formato e tamanho, e então a moeda passaria às mãos de um gravador para ser copiada – um gravador talvez oriundo de Roma, ou da Pérsia, ou da Índia ou da China, ou quem sabe até alguém local, que tivesse sido treinado nas artes da cunhagem. Tratava-se de um mundo conectado, complexo e ávido de intercâmbio (FRANKOPAN, 2019, p. 43)

Como podemos ver, um mundo muito mais complexo e interligado já se mostrava, o processo histórico descritos nessas evidências mostram que não podemos encarar a história antiga como sendo feita por uma vastidão de sociedades hermeticamente fechadas e isoladas de qualquer contato com outras sociedades.

Também não podemos encarar a história de algumas delas, como o Império Romano ou o Império Han como sendo apenas o de uma hegemonia solitária em todos os sentidos, influências culturais, econômicas e políticas parecem ter se espalhado com grande facilidade, por uma vasta rede comercial e política. Todas as evidências que mostramos parecem não apenas provar nossos os objetivos propostos, mas também colocar uma inquietação para novas análises do mundo antigo.

#### **4 CARTAS SOGDIANAS**

Desde o Império Aquemênida (550-330 a.C.), um povo da Ásia Central é conhecido como comerciante de artigos de luxo (FRANKOPAN, 2019, p. 19-20), mas foi somente durante o governo da região pelos kushans, que unificaram o

sul da Ásia Central e norte da Índia sob um império que durou de 30 a 375 d.C é que os Sogdianos<sup>38</sup>, começaram a fazer grandes redes comerciais e participar ativamente do comércio pelas rotas criadas pelos kushans, indianos e chineses (VAISSIERE, 2004, p. 1).

A área pela qual suas caravanas passavam havia sido disputada pelo Império Han quem entre 136 e 56 a.C. fizeram 25 expedições militares em todas as direções, tanto para estender os limites do império, quanto para controlar as rotas comerciais (BUENO, 2002, p. 76-77), como é evidente, tamanha movimentação militar também teve o efeito de controlar o trânsito e inibir possíveis intrusos nas fronteiras imperiais, além, é claro, do mecanismo de dissuadir outros povos a tomarem ação militar ou dissuadir o banditismo na área próxima as fronteiras.

Nesse contexto, no final do século I o general Ban Chao (entre os séculos I e II d.C.) assume o controle dos territórios do Tarim<sup>39</sup>, região vital para os interesses políticos e econômicos da China, que desde o século I a.C., buscava controlar os pequenos reinos<sup>40</sup> da região que serviam de paragens para viajantes poderem descansar da árdua viagem pelo terreno inóspito, Os Han fortificam o corredor Gansu que se ligava o Tarim, algo em torno de 3 milhões de colonos foram alocados em fazendas militares integradas e a um sistema de comunicações (BUENO, 2002, p.77; MCLAUGHLIN, 2012, p. 118)<sup>41</sup>.

Durante esse momento também as relações entre o Império Han, Império Parta (247 a.C. — 224 d.C), Império Kushan, reinos indianos, árabes, Roma e mais uma infinidade de Povos se tornaram mais frequentes por terra e mar (FRANKOPAN, 2019, p. 37; BUENO, 2002, p.78-79; MCLAUGHLIN, 2012, p. 118-119)<sup>42</sup>. Roma também fez grandes expansões imperiais próximas a esse

---

<sup>38</sup> A Sogdiana ficava localizada entre os rios Amu Darya e o Syr Darya, nos atuais Uzbequistão, Tadjiquistão, Cazaquistão, Turquemenistão e Quirquistão.

<sup>39</sup> Área que hoje está na região autônoma de Xinjiang.

<sup>40</sup> Havia pequenos oásis formados pelo derretimento da neve de montanhas, neles se formaram reinos onde caravanas poderiam descansar da jornada pelo deserto indo pelas bordas das montanhas e recebendo ajuda desses reinos (MCLAUGHLIN, 2012, p. 118)

<sup>41</sup> Possivelmente o modelo de colonização *tuntian*, posteriormente teve uma versão civil, mas independe de sua versão, o sistema *tuntian* foi usado em todas as dinastias chinesas, nos governos comunistas e em Taiwan além de Japão, Coreia e Vietnã. Disponível em: <https://ui.adsabs.harvard.edu/abs/2017EGUGA..1910951L/abstract>

<sup>42</sup> Durante o Governo de Ban Chao na Bacia de Tarim, o Império Han envia um diplomata na esperança de alcançar Roma, o embaixador Gan Yin chegou muito próximo da fronteira romana (KOLB; SPEIDEL, 2017, p. 401-402, BUENO, 2002, p.34-35, MCLAUGHLIN, 2012, p. 168-170),

período, o Egito é transformado em província em 30 a.C., e de lá que o Império romano passa a ter acesso ao Mar Vermelho e o Índico, Como nos relata o Périplo:

Dos portos designados do Mar da Eritreia e dos portos de comércio nele, primeiro vem o porto egípcio de Myos Hormos e, além dele, depois de uma navegação de 1.800 estádios à direita, Berenice. Os portos de ambos são baías do Mar Vermelho, na orla do Egito. (CASSON, 1989, p.51, Tradução Nossa)

Como podemos ver, as expansões territoriais, campanhas militares e construções de infraestruturas tiveram efeito dissuasor por um terreno muito maior do que as fronteiras imediatas desses Estados. Esses choques causados pelas notícias de grandes Estados se expandindo ou mostrando força difícil a tarefa de ignorar as notícias que vinham além das fronteiras (BUENO, 2002, p. 49-84; FRANKOPAN, 2019, p. 25).

O aumento da estabilidade política, das capacidades produtivas e segurança, além de uma política fiscal que incentivava as atividades aduaneiras na China Han (Kolb; Speidel, 2017, p. 397) fizeram a relação do lucro/risco ficar favorável ao comércio de longa distância. Esse ambiente favorável as caravanas e ao trânsito de diplomatas, fazem com que o imperador Wu Di (156-87) seja considerado como o “inaugurador oficial” da “rota da seda”.

Wu Di foi um dos primeiros a fazerem investimentos maciços no comércio de longa distância (Kolb; Speidel, 2017, p. 396; Frankopan, 2019, p. 25; Bueno, 2002, p.7<sup>43</sup>. Tudo leva a crer que seu governo tinha isso em mente, ficava com os comerciantes a tarefa de seguirem as iniciativas do governo Han e aproveitar oportunidades de lucrar seguindo rotas que passavam pelo Tarim, ou para os portos das províncias de Guanzhong e Guanxi (Bueno, 2002, p. 95)<sup>44</sup>.

---

mas durante o controle sobre a bacia do Tarim uma enorme quantidade embaixadas passaram para todos os lados, khushans, Partos, armênios, Romanos, Han e outras comunidades trocaram ou tentaram trocar embaixadas por terra e mar (KOLB; SPEIDEL, 2017, p. 401; BUENO, 2002, p. 81; MCLAUGHLIN, 2012; FRANKOPAN, 2019, p. 40 ).

<sup>43</sup> Sob o governo de Wu Di (141-87) as embaixadas de Zhang Qian e Gan Yin foram enviadas, nas embaixadas feitas pelo diplomata Zhang Qian presentes com produtos caros produzidos no império foram distribuídos para os Estados próximos, dessa forma os Han fizeram apresentações de seus produtos de luxo (BUENO, 2002, p. 74-76, 94-95)

<sup>44</sup> Os portos do litoral sul da China estiveram entre os mais movimentados em vários períodos da história, sendo notável o fluxo por eles durante as dinastias Tang (618-905), Song (960-1279), Yuan (1271-1368), em 1513 esses portos recebem as primeiras embaixadas portuguesas que em 1554/1557 recebem o direito de estabelecerem em Macau sob o pagamento anual em prata para a dinastia Ming (1368-1644) e depois a Qing (1638-1912), atualmente ele ainda abriga os portos mais movimentados do planeta. (FAIRBANK; GOLDMAN, 2006 P.92, 107-108; FRANKOPAN 2019 p. 202-204, 243; GRUZINSKI, 2015. P. 203), Disponível em:

Os mercadores que seguiam do Império Han poderiam tomar como partida as capitais de Chang An<sup>45</sup> ou Luoyang, que também eram pontos de chegada para vários mercadores fazendo o sentido inverso. Da capital a rota seguiria para Fengsiang e de lá para Anxi, aqui poderia se escolher entre duas rotas, a diferença entre elas era apenas na escolha do oásis que se seguiria pra atravessar o deserto de Liu Sha, conhecido como Taklamakan. (Bueno 2002 p. 61-62).

Escolhendo a rota pelo norte através das cidades oásis de Turfan e Kuchan até chegar em Kashgar, ou pegar a rota que passaria por fora do sul do deserto, passando por Niya, Khotan e se unido a outra rota em Kashgar. (Mclaughlin, 2012, p. 118).

Em Kashgar eles poderiam seguir uma rota pelo vale de Alai até Balkh e ali continuar seguindo, ou de Kashgar seguir pelos arredores da cordilheira Pamir para chegar em Samarcanda, na Sogdiana. Dali inúmeras rotas seguiam os vales de rios para vizinha Bactria ou continuar seguindo várias rotas que se ligavam a outros centros comerciais. (Mclaughlin, 2012, p. 119; Bueno, 2002, p. 61).

Caso seguisse, poderia se chegar em Merv, a primeira cidade já no Império Parto, ou passar o Hindukush e pelo Pamir. Nessa época Samarcanda e a própria Sogdiana estavam em mãos do Império Kushan, pereceriam assim pela maior parte do tempo, com breves períodos com o império Parto se expandindo por essas regiões. Dentro dos territórios kushans os mercadores pagariam taxas aduaneiras e poderiam transitar livremente.

Em território do Império Parto poderiam seguir até o Golfo Pérsico para serem comercializadas por árabes e africanos, ou continuar seguindo até as fronteiras romanas. Em território Parto haveriam leis mais duras, provavelmente na Cidade de Merv os mercadores seriam impedidos de seguir viagem e teriam que repassar suas mercadorias, não se sabe até onde essa lei foi seguida, mas como representaria um perigo deixar potências imperialistas como o Império Romano e o Império Han ficarem livres para estabelecer contatos diplomáticos,

---

<https://digital.intermodal.com.br/modais/portos-mundiais-conheca-os-10-maiores-e-suas-curiosidades>

<sup>45</sup> Em 166 uma suposta embaixada de An Tum seria recebida, An Tum provavelmente seria o imperador romano Marcos Aurélio (161-180) (BUENO, 2002, p. 50; KOLB; SPEIDEL, 2017, p. 402-403; MCLAUGHLIN, 2012, p. 179-182)

é aceitável que houvesse alguma regulação que também impediria de fazer os partos perderem seu posto como intermediário comercial (Bueno, 2002, p. 63), o que faz sentido também para o lado romano, já que os partos também negavam passagem para os romanos (Mclaughlin, 2012, p. 142).

As rotas que passavam pelo Tarim se espalhavam pela Ásia, passavam pelo interior do território Parto, Kushan e chegavam até o subcontinente indiano ou até Roma. Algumas dessas rotas chegavam até os portos de Carax, no Golfo Pérsico<sup>46</sup>, ou até os portos indianos.

As fontes clássicas acabam nos confirmando o alcance das rotas, nos mostram que as caravanas chegavam até o subcontinente, mas também revelam que as mercadorias acabavam passando de mãos em mãos até chegar ao consumidor final, além de mostrar que os mercadores acabam tendo interações diretas com culturas diferentes em mercados estrangeiros, como nos mostra o périplo.

Além desta região, no ponto mais ao norte, onde o mar termina em algum lugar na orla externa, há uma grande cidade no interior chamado Thina, de onde os fios e tecidos de seda são enviados por terra via Bactria para Barygaza e via rio Ganges de volta a Limyrike. Assim sendo, não é fácil chegar a esta Thina; pois raramente as pessoas vêm dela, apenas poucas. A área fica logo abaixo da Ursa Menor e dizem que é contígua com as partes do Ponto e do Mar Cáspio. (Casson, 1989, p. 91, Tradução Nossa)

As confirmações nos mostram que os mercados ao longo das rotas de caravanas atendiam a uma demanda crescente por produtos importados, ao longo dessas rotas os produtos mudariam de preço e também sua oferta e demanda, a seda seria mais barata do que no Império Han, e mais cara na Índia ou Partia, Tapetes de lã, mesmo os mais trabalhados, não seriam particularmente caros na Ásia Central, o mesmo ocorria com as especiarias, o vidro e mais uma infinidade de produtos. Nesse ambiente os sogdianos compreenderam a possibilidade de lucros e acabariam desempenhando um papel importante nas rotas.

---

<sup>46</sup> A cidade de Carax, construída na ponta do Golfo Pérsico onde hoje está o Iraque, recebia mercadorias por terra e mar, e de origens diversas, asiáticas, africanas e europeias, quando estava em sua famosa campanha parta, o imperador Trajano (98-117) esteve em Carax e avistou embarcações indianas vindas de Barygaza, seria aí onde lamentaria não ser jovem como Alexandre e seguir campanha até a Índia (Bueno, 2002, p. 50; Frankopan, 2019, p. 38; Mclaughlin, 2012, p. 94)

Alguns mercadores sogdianos faziam todo o percurso de Samarcanda até a China Han por meio de caravanas (Frankopan, 2019, p. 60; Mclaughlin, 2012, p. 119-120), seu principal destino era o Norte da China, mas isso não impediu que os sogdianos participassem ativamente de caravanas que iriam até o vale do Indo ou a Partia. A rede comercial sogdiana cresceu o suficiente, perto do início do século III para fazer deles importantes o bastante para serem mencionados em fontes chinesas ou indianas.

Os sogdianos se estabeleceram em cidades do interior da China, alguns deixaram suas marcas por toda a rota, deixaram epitáfios em chinês resumindo a sua origem. Carreiras. Existiam comunidades poderosas de investidores e chefes de caravanas (sartapao, que era transcrito como *Sabão* para o Chinês), até a era Tang, muitas personalidades sogdianas eram figuras conhecidas na China, com estatuetas com suas barbas e olhos e narizes proeminentes, seriam encontrados túmulos de mercadores sogdianos, apresentando luxos suntuosos.

Até meados da era Tang, a rede de comércio sogdiana era o principal meio de importação e exportação de produtos de luxo na China, seu papel se tornou vital para ligar a China ao vale do Indo, contando com uma sofisticada rede de crédito e estações com armazéns para estocagem, eles estariam nesse momento na posição ideal para dominar o comércio de longa distância (Frankopan, 2019, p. 48; Mclaughlin, 2012, p. 120; Vaissiere, 2004, p. 2).

O sucesso sogdiano estava na sua rede confiável de pontos de parada, a maior parte dos negociantes eram especializados em somente determinados<sup>47</sup> setores, nesses setores as mercadorias seriam entregues a outros negociantes que iriam ainda mais distante. Tudo indica que na rede de negociantes sogdianos, os mais ricos teriam investimentos em mais de uma parte da enorme rede que iria de Samarcanda até o interior da China.

O que ecoa a citada passagem do Périplo (Casson, 1989, p. 91), onde nosso autor relata que, “Thina; pois raramente as pessoas vêm dela, apenas poucas.”, o que deixa claro que na verdade todo o comércio de longa distância

---

<sup>47</sup> A ideia de que o comércio seria feito em etapas e corroborado por outra passagem do périplo (CASSON, 1989, p. 57), onde mercadores romanos se especializam somente em uma parte da costa africana que são necessários navios maiores para produtos específicos e para aproveitar os ventos que acabam impedindo que essas embarcações também naveguem rumo a Índia logo depois de chegar ao “lado Distante”.

seria feito por etapas, assim como indicam os pontos de parada de caravana criadas pelos mercadores sogdianos<sup>48</sup>.

A atividade comercial sogdiana foi transmitida para nós através das chamadas cartas sogdianas, no início do século XX o arqueólogo Aurel Stein percorreu uma parte das rotas comerciais e fez inúmeras descobertas significativas, dentre essas descobertas estão as cartas sogdianas. As cartas, nos oferecem mais do que somente um vislumbre das atividades comerciais dos sogdianos, mas também um relato da vida diária de um comerciante de longa distância (Bueno, 2002, p.11; Frankopan, 2019, P. 74; Vaissiere, 2004, P. 2; Mclaughlin, 2012, p. 120).

Descobertas em uma torre de vigia perto da cidade fronteira de Dunhuang então parte do complexo “portão de Jade”, um local por onde havia trânsito de mercadorias entre a Ásia Central e a China. As cartas foram escritas em papel por mercadores sogdianos e seus familiares no oeste da China, elas seriam dirigidas a compatriotas na terra natal Sogdiana ou no oásis de Loulan e naturalmente se referem largamente a problemas comerciais, mas também aos problemas diários e as questões de segurança nas rotas comerciais.

Parece possível que a guarnição chinesa tenha confiscado as cartas, em um momento em que o controle chinês na região passava por momentos de risco oferecido pelos nômades que vagavam pelas estepes euroasiáticas<sup>49</sup>. A datação exata das cartas ainda gera debates, sendo os argumentos mais aceitos os que apontam para ano de 313 d.C.,<sup>50</sup> mas havendo afirmações de que elas podem ter sido escritas bem antes, ainda no século II.

---

<sup>48</sup> Embora a maior parte dos negociantes não seguissem todo o percurso, ainda assim não devemos supor que pelo menos poucos indivíduos realmente viajaram distâncias consideráveis, como os diplomatas Gan Yin, Zhang Qian, ou a jornada de Maes Titianos, um comerciante macedônio que supostamente teria enviado um agente para fazer toda a rota até a China no século I (BUENO, 2002, p. 67, 124; KOLB; SPEIDEL, 2017, p. 402-404).

<sup>49</sup> A interação dos sogdianos com as potências nômades parece ter sido bem complexa, não existe fontes que falem diretamente da grande expansão comercial sogdiana nas estepes, mas é conhecido por fontes chinesas que os sogdianos eram usados frequentemente como intermediários, partindo como pequenos mascates de suas bases em Turfan e Gansu e viajando entre tribos os sogdianos acabaram até mesmo emprestando parte de seu vocabulário para as tribos turcomanas da estepes durante o século V, provavelmente muito antes (VAISSIERE, 2004, p. 2)

<sup>50</sup> Os debates a respeito das datações para as cartas rondam múltiplas facetas das descobertas, houve até mesmo quem achasse que as cartas seriam escritas poucas décadas depois de 105 d.C., a data da invenção do papel, mas como não há evidências conclusivas sobre a datação exata das cartas, optamos por usar a visão mais aceita, a dada por Sims-Williams que concluiu

Ao todo seriam encontradas 5 cartas, e mesmo com a descoberta anos mais tarde de todo o arquivo comercial sogdiano, as cartas permanessem sendo os primeiros exemplos das empreitadas comerciais sogdianas, além de serem as primeiras referências a escrita sogdiana.

Essas cartas oferecem a melhor visão das operações das caravanas nessa parte das rotas do mundo antigo. Nas cartas nº 1 e nº 3, temos uma senhora em perigo e abandonada em Dunhuang, nesta carta uma mulher chamada Miwnay escreve para sua mãe, Chatis, descrevendo como teria sido abandonada por seu marido, Nanai-dhat, e depois de passar por problemas tendo ajuda rejeitada por várias pessoas acabou contando com a caridade do sacerdote em um templo local.

Verso: De sua filha, a mulher livre Miwnay, para sua querida mãe [Chatis].

Frente: [De sua filha], a mulher livre Miwnay], à sua querida [mãe] Chatis, bênção e homenagem. Seria um bom dia para quem pudesse [ver] você saudável e tranquila; e [para mim] aquele dia seria o melhor quando nós mesmos pudéssemos vê-la com boa saúde. Estou muito ansiosa para ver você, mas não tenho sorte. Fiz uma petição ao conselheiro Sagharak, mas o conselheiro disse: Aqui não há outro parente mais próximo de Nanai-dhat do que Artivan. E eu fiz uma petição a Artivan, mas ele disse: Farnkhund..., e eu me recuso a me apressar, me recuso... E Farnkhund diz: Se o parente do seu marido não consente que você volte para sua mãe, como devo agir? você? Espere até... chegar; talvez Nanai-dhat venha. Vivo miseravelmente, sem roupa, sem dinheiro; Peço um empréstimo, mas ninguém consente em me dar, então dependo da caridade do sacerdote. Ele me disse: Se você for, eu lhe darei um camelo, e um homem deverá ir com você, e no caminho cuidarei bem de você. Que ele faça isso por mim até que você me envie uma carta!<sup>51</sup>

(Sims-Williams, 2004, p. 2, Tradução Nossa)

Os mesmos acontecimentos são narrados com mais detalhes na terceira carta, agora Miwnay reclama de seu marido deixou ela em uma situação miserável e nem mesmo responde suas cartas, nessa carta onde ela começa com saudações educadas, mas que à medida em que escreve e fica mais irritada Miwnay deixa escapar grandes reclamações. Aqui em um pós-escrito onde explica que ela e sua mãe foram forçadas a ser servas dos chineses, mas não

---

que provavelmente foram escritas por volta de 313 d.C. Uma visão detalhada do debate a respeito das datas está Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/ancient-letters>

<sup>51</sup> Entre colchetes decidimos por colocar as palavras que provavelmente haviam sumido do documento pela ação do tempo, mas na tradução original feitas por Sims-Williams foram recolocadas e entre parênteses, palavras acrescentadas por ele.

culpa seu pai, mas um certo Farnkhund, que provavelmente era sócio de negócios de seu pai, mas fugiu deixando Shayn e sua mãe para saldar dívidas.

[Verso] De (sua) filha Shayn ao nobre senhor Nanai-dhat.  
 [Em *outra parte do verso*] Do (seu) servo [deixou *inacabado*].  
 [Frente] ao [meu] nobre senhor [e] marido nanai-dhat, bênção (e) homenagem de joelhos dobrados, como é oferecido aos deuses. E (seria) um bom dia para quem pudesse te ver saudável, feliz [e] livre de doenças, junto com todos; e, senhor, quando ouço [notícias de] sua [boa] saúde, considero-me imortal! Eis que estou vivendo..., mal, mal, miseravelmente, e me considero morto. Repetidas vezes eu lhe envio uma carta, (mas) não recebo uma (única) carta sua, e fiquei sem esperança em relação a você. Minha infelicidade é esta, (que) estou em Dunhuang há três anos graças (?) a você, e havia uma saída pela primeira, pela segunda, até pela quinta vez, (mas) ele (!) recusou-se a trazer de volta. Solicitei aos líderes que (devessem ser dados) apoio a Farnkhund para mim, para que ele pudesse me levar para (meu) marido e eu não ficasse presa em Dunhuang, (pois) Farnkhund disse: Eu não sou servo de nanai-dhat, nem possuo parte de seu capital. Também solicitei assim: Se ele se recusar a me levar para o (meu) marido, então... tal apoio para mim que ele possa me levar para a (minha) mãe. Os líderes dizem: Aqui em Dunhuang não há outro parente mais próximo do que Artivan, (mas) Artivan [diz]: Farnkhund... tanto faz... para fazer por você. Se(?) eu(?) (não tinha) nenhuma garantia, nenhuma proteção, meu pai... eu me tornei... não... Quanto mais eu teria... de meu pai se... um servo dos chineses! Um homem livre... que encontrou... e... mantém (suas) roupas em boas condições(?). E você me escreve (seu) lance sobre tudo em... para que eu deveria... você e eu deveríamos saber como pensar, e se eu não souber... você, então você me escreve para que eu deveria saber como servir os chineses. Na minha morada paterna eu não tinha uma tanta restrição... como com(?) você. Obedeci ao seu comando (literalmente, assumi o seu comando sobre minha cabeça) e vim para Dunhuang e não cumpri as ordens de (minha) mãe nem de (meus) irmãos. Certamente (?) os deuses ficaram com raiva de mim no dia em que cumpri sua ordem! Prefiro ser esposa de um cachorro ou de um porco do que sua! E para mim ...Enviado por (seu) servo Miwnay. Esta carta foi escrita no terceiro mês, no décimo dia.  
 [Adicionado *na margem*] De (sua) filha Shayn ao nobre senhor Nanai-dhat, bênção (e) homenagem. E (seria) um bom [dia] para ele [que] pudesse ver [você] saudável, descansado (e) feliz. ... eu me tornei ... e cuido de um rebanho de animais domésticos. Diferentemente de você, eu tive um... e... saí. Eu sou... e sei que não lhe faltam vinte estados(?) para enviar. É preciso considerar o todo (matéria). Farnkhund fugiu; os chineses o procuram, mas não o encontram. Por causa das dívidas de Farnkhund, nos tornamos servos dos chineses, eu junto com (minha) mãe. (SIMS-WILLIAMS, 2004, p. 4, Tradução Nossa)

Nessa carta podemos ver o funcionamento da administração sogdiana, o homem chamado Farnkhund fala sobre ser sócio de Nanai-Dhat, também a menção a uma organização central para os mercadores sogdianos através dos líderes que parecem não ter ouvido os apelos de Miwnay e Shayn. Na carta nº1 e nº3 podemos ver também o fato de existirem pessoas não ligadas inteiramente

ao comércio de longa distância e de haver um sistema postal para levar cartas sobre assuntos pessoais funcionando nas rotas sogdianas.

A segunda carta é a mais longa e informativa, escrita por um comerciante chamado Nanai-Vandak que estava na cidade de Jincheng e dirigida para dois sócios em Samarcanda, Nanai se dedicava à exportação de produtos chineses para a Ásia Central e era fornecedor dos sogdianos pelo percurso da rota da seda.

A carta estava protegida por um invólucro de interno em seda e um envelope externo de tecido grosso que trazia instruções para entrega. Logo após as saudações nanai explica que uma guerra recente havia interrompido praticamente todo o movimento de caravanas, também narra uma fome severa e a fuga do imperador de sua capital<sup>52</sup>.

Diferente das outras duas cartas, para essa decidimos descrever suas partes separadamente, seu tamanho, e a quantidade de informações contida em toda a carta, fizeram dela a mais analisada por historiadores interessados no comércio de longa distância. Nanai endereça sua carta a Vartakk e em seu envelope e verso do envelope ele escreveu as seguintes instruções.

[envelope] deveria enviar e trazer [esta] carta para Samarcanda. E [o nobre senhor Varzakk. . . deveria receber(?)] tudo(?) [completo(?)]. Enviado [por seu] servo nanai-vandak.  
[Verso do envelope] ao nobre senhor Varzakk (filho de) Nanai-thvar (da família) Kanakk. Enviado [por] seu servo nanai-vandak.  
(Sims-Williams, 2004, p. 3, Tradução Nossa).

Diferente das outras duas cartas, essa tem mais detalhes sobre como entregar e sobre quem enviou, seu envelope também mostra um cuidado maior com o conteúdo que é bem mais refinado em termos de informações. Logo depois de repassar as tradicionais saudações e pedidos de boa fortuna e felicidade em saber da saúde do destinatário, Nanai passa informações sobre como tem cuidado de obter informações sobre outros viajantes e repassados os novos para locais dentro da China, além de começar seu longo relato sobre a guerra recente e sobre como isso tem afetado sua segurança e a de seus pares.

---

<sup>52</sup> Os eventos listados na segunda carta são identificados como tendo ocorridos entre 307-311 d.C. Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/ancient-letters>

E, senhores, Armat-sach em Jiuquan (está) seguro (e) bem e Arsach em Guzang (está) seguro (e) bem. E, senhores, já se passaram três anos desde que um Sogdiano veio de "dentro" [ou seja, da China]. Eu estabeleci (?) Ghotam-sach, e (ele está) seguro (e) bem. Ele foi para Kwrynk, e agora ninguém vem de lá para que eu possa escrever para você sobre os sogdianos que "entraram", como eles se saíram (e) quais países alcançaram. E, senhores, o último imperador, assim dizem, fugiu de Luoyang por causa da fome, e foi ateado fogo em seu palácio e na cidade, e o palácio foi queimado e a cidade [destruída]. Luoyang (não existe mais), Ye (não existe mais)!  
(Sims-Williams, 2004, p.3 Tradução Nossa).

Nanai descreve seu desgosto com a terrível guerra e seu temor pelo futuro comercial, e o futuro do império e das comunidades comerciais.

Hunos (?)<sup>53</sup> e eles. . . Changan, para que eles segurem(?) it(?) . . . até N'yn'yich e até Ye, esses (mesmos) hunos [que] ontem eram (súditos) do imperador! E, senhores, não sabemos se os restantes chineses foram capazes de expulsar os hunos [de] Changan, da China, ou (se) levaram o país para além (?). E [. . . em . . . há] cem homens livres de Samarcanda. . . em [. . .] Só há quarenta homens  
(Sims-Williams, 2004, p. 3 Tradução Nossa).

No restante do relato ele parece dar explicações sobre como era feita uma parte das atividades comerciais, mas a carta mostra muitas partes que estão faltando, por isso é difícil interpretar a situação.

seu [. . . já se passaram] três anos desde [. . . veio] de "dentro" . . . desfeito (pano)(?). E de Dunhuang até Jincheng em. . . para vender, pano de linho vai [= vendendo bem?], e quem desfez (tecido)(?) ou *raghzak* (que) (ainda) não foi trazido (ao mercado) (?), não (ainda) levado, [pode](?) vender [tudo](?)  
(Sims-Williams, 2004, p. 3, Tradução Nossa).

Logo depois ele mostra seu medo pessoal e relata os últimos acontecimentos com algumas comunidades de sogdianos e indianos, além de mostrar que além dele, outros comerciantes temiam por suas vidas e estavam desesperados para sair da China.

---

<sup>53</sup> Sim-Williams coloca entre asteriscos uma dúvida sobre a identidade dos nômades, posteriormente seriam descritos como Xiongnu, mas a ligação entre os Xiongnu da planície mongólica com os hunos que assolaram a Europa e o império Sassânida já vem sendo tema de debates a um bom tempo, para mais informações veja Conrad (1978)

E, senhores, quanto a nós, quem mora (na região) de Ji[ncheng](?) até Dunhuang, nós (apenas) sobrevivemos [lit. "respire"] contanto que o . . . vive, e (estamos) sem família (?), velhos e à beira da morte. Se assim não fosse, [eu] não estaria pronto(?) para escrever para você (sobre) como estamos. E, senhores, se eu lhes escrevesse tudo (sobre) como a China se saiu, (seria) além (?) da tristeza: não há lucro para vocês (ganharem) com isso. E, senhores, já se passaram oito anos desde que enviei Saghrak e Farn-aghat "para dentro" e já se passaram três anos desde que recebi uma resposta de lá. Eles estavam bem ..., (mas) agora, desde que o último mal ocorreu, [não] recebo uma resposta de lá (sobre) como eles se saíram. Além disso, há quatro anos enviei outro homem chamado Artikhu-vandak. Quando a caravana partiu de Guzang, Wakhush[akk] o... estava lá, e quando chegaram a Luoyang, ambos os. . .] e os indianos e os sogdianos de lá morreram todos de fome. [E eu] enviei Nasyan para Dunhuang, e ele foi "fora" [ou seja, fora da China] e entrou em (Dunhuang), (mas) agora ele saiu sem (obter) permissão minha, e ele (recebeu) uma grande retribuição e foi morto no ...  
(SIMS-WILLIAMS, 2004, p. 3 Tradução Nossa).

Sua carta é taxativa sobre o futuro de seu filho, Takhsich-Vandak, quando esse atingir a idade adulta, não deve se dedicar ao comércio de longas distâncias, também fala sobre como a vida financeira de seu filho deve ser guiada em sua juventude, e sobre uma quantia de dinheiro guardada, que deve passar para cuidados mais severos, pela tradução a quantia seria de 3 ou 4, provavelmente seriam moedas de ouro ou prata, o que seria uma quantia considerável de dinheiro.

Senhor Varzakk, minha maior esperança está em Vossa Senhoria! Pesakk (filho de) Dhruwasp-vandak possui 5[...]4 estateres<sup>54</sup> meus e ele os colocou em depósito(?), para não serem transferidos, e você deve mantê-los. . .] selado a partir de agora (em diante), para que sem a (minha) permissão . . . Dhruwasp-van[dak] . . .  
(Sims-Williams, 2004, p. 3 Tradução Nossa).

Logo depois de passar informações sobre como proceder com a quantia guardada, ele termina sua Carta enviando mais informações sobre como investir para fazer o dinheiro crescer e dar segurança financeira para seu filho.

[Senhor] nanai-thvar, você deve lembrar a Varzakk que ele deve retirar (?) este depósito (?), e você deve (ambos) contá-lo, e se o último for retê-lo, então você deve (ambos) adicione (?) os juros ao capital e coloque-os em um documento de transferência, e você (Nanai-thvar) deve entregá-lo também a Varzakk. E se vocês (ambos) acharem

---

<sup>54</sup> Estáter eram moedas gregas que poderiam ser de prata ou ouro, não haveria uma medida exata para seu peso e o texto também não relata de onde veio a moeda, muito possivelmente vindo das equivalente Kushan, uma vez que o termo Estáter foi adotado por toda Mesopotâmia e Ásia Central por ser equivalente ao peso de certas moedas locais (METCALF, 2012).

adequado que este último não deva retê-lo, então vocês (ambos) deverão pegá-lo e entregá-lo a outra pessoa que vocês considerem adequada, para que esse dinheiro possa, assim, aumentar. E eis que (há) certo órfão. . . dependente(?) dessa renda(?), e se deverá viver e atingir a idade adulta [ lit. "anos"], e ele não tem esperança de (nada) além deste dinheiro, então, Nanai-thvar, (quando) deve ser ouvido que Takut partiu (?) para os deuses - os deuses e a alma de meu pai (será) um apoio(?) para você! - e quando Takhsich-vandak crescer [ lit. "grande"], então dê-lhe uma esposa e não o mande embora de você. A gratificação mortal (?) (?) partiu (?) de nós (?) no. . . , porque (de) dia (a) dia esperamos assassinato (?) e roubo. E quando (os dois) vocês precisarem de dinheiro, então você (Nanai-thvar) deve retirar 1.000 estateres ou 2.000 estateres do dinheiro. E Wan-razmak enviou para Dunhuang para mim 32 (sacos de) almíscar<sup>55</sup> pertencentes a Takut para que ele pudesse entregá-las a você. Quando eles forem entregues, você deve fazer cinco partes, e daí Takhsich-vandak deve pegar três partes, e Pesakk (deve pegar) uma parte, e você (deve pegar) uma parte.  
(Sims-Williams, 2004, p.3-4 Tradução Nossa).

As informações sobre como investir o dinheiro nos mostra como os comerciantes poderiam ganhar dinheiro apenas financiado as atividades das caravanas.

No momento em que ele dá instruções sobre como o dinheiro deve ser investido, Nanai acaba ecoando os escritos do poeta satírico, Petrônio sobre novos ricos de Roma que usavam dinheiro ganho no comércio para financiar as atividade de outros, “Larguei o comercio e comecei a viver de emprestar dinheiro a juros”. (Petrônio, 1987, p. 102). Suas instruções mostram uma perspicácia financeira bem sofisticada, mas também dá mostras de uma sofisticada rede financeira existente.

Nessa rede sofisticada criada pelos sogdianos temos também os ecos do já citado, *Papiro de Muziris*, que, como já foi dito, se trata de um contrato de frete de cargas com estipulações legais de somas gastas, datas, multas e lucro feitos por uma embarcação fazendo a rota de Roma para Muziris, na costa indiana.

---

<sup>55</sup> O almíscar é um ingrediente caro usado para se fazer perfumes e produtos aromáticos, originalmente era retirado do trato urinário do cervo almíscarado, um animal nativo da China e do Tibete, uma vez retirada da glândula, que produz o almíscar ela seria colocada sob sol ou fervida em Azeite, só assim poderia ser vendida, como a retirada da glândula impõe morte ao animal, o comercio quase levou a espécie a extinção, O meio ambiente foi severamente afetado no auge dos grandes impérios da antiguidade, uma pesquisa usando núcleos de gelo da Antártica observou que no auge da “Pax Romana” (que ocorre simultaneamente a “pax sínica” na China), a poluição só seria superada pela revolução industrial no século 18. Disponível em: <https://sitn.hms.harvard.edu/flash/2020/ice-cores-and-roman-lore-modern-climate-science-helps-scientists-and-historians-piece-together-the-past/>

Na última parte, escrita no verso do corpo principal da acarta temos algumas informações a respeito do momento em que a carta foi escrita “[Verso] Esta carta foi escrita [lit. "feito"] quando era o ano treze do Senhor Chirth-swan no mês Taghmich.” (Sims-Williams, 2004, p.4 Tradução Nossa), essa é datada segundo o calendário Chinês no mês de Taghmich (junho/julho) nos 13º anos do reinado de um personagem desconhecido, possivelmente um governante de Samarcanda. Levando em consideração a velocidade de como as informações fluíam, do momento em que a notícia do saque da capital Luoyang (em 311) chegou até Nanai, e o momento em que a carta foi escrita o lapso de tempo pode ter feito a carta ser escrita em 312 ou 313<sup>56</sup>.

As cartas além de conterem informações sobre uma administração de organismos comerciais sogdianos e sobre a vida pessoal de mercadores e de seus familiares, também traz uma lista de produtos comercializados pelas rotas sogdianas além de detalhes de quantidades.

prata, linho e uma espécie de tecido não processado, almíscar (cuja origem era o Tibete), pimenta e “branco” (provavelmente pó de chumbo branco, um produto valioso usado em cosméticos e medicamentos<sup>57</sup>). Infelizmente, o significado de alguns termos para outros produtos não é conhecido. Resulta das quantidades mencionadas que o comércio era relativamente pequeno e, como seria de esperar, centrava-se em bens de elevado valor para o peso.  
(Sims-Williams, 2004, p. 2 Tradução Nossa).

O achado das cartas mostra a sofisticação e a complexidade do comércio de longa distância pelas rotas que ligavam a China ao Centro da Ásia, acabam suscitando uma visão mais ampla de um mundo interligado por atividades comerciais, isso acontece quando munidos de outros documentos vindos do mundo antigo (o *Periplus Maris Erythraei* ou *Papiro de Muziris* como exemplo), acabamos por ter um vislumbre das dimensões atingidas por redes comerciais ainda no mundo antigo.

---

<sup>56</sup> O canal, Smithsonian National Museum of Asian Art, disponibiliza um pequeno vídeo do Professor Sims-Williams falando sobre a descoberta e tradução das cartas sogdianas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VCPMPEmLOTs>

<sup>57</sup> O uso de Chumbo em maquiagens e medicamentos era relativamente comum até pouco tempo atrás, quando foi descoberto sua toxicidade, o imperador da dinastia Qin (221-206 a.C.), Qin Shi Huang (221-210 a.C.) usou medicamentos à base de chumbo e o primeiro Batom conhecido, datado de 3.500 a.C., também continha chumbo em sua composição. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9007245/>

As cartas também nos mostram os problemas enfrentados pelos comerciantes e seus familiares durante suas jornadas, essas visões de vidas singulares de pessoas que viveram tanto tempo atrás, são em primeiro momento um importante atrativo para leitura deleite, mas também são importantes relatos sobre as dificuldades enfrentadas pelos agentes de uma organização econômica maior. Esses relatos de vidas pessoais servem para dar rostos, como os de uma mulher abandonada, ou o de um mercador que teme pela própria vida, mas deseja que seu filho seja feliz e se afaste de uma vida semelhante à do pai.

Servem para dar nomes, como os de Nanai-Vandak, Miwnay, Shayn ou Takhsich-Vandak, acabam assim nos lembrando que esse era um mecanismo feito de vidas e gerido com as ditas complexidade e sofisticação semelhantes às encontradas nas admirações de qualquer um dos grandes Estados de seu Tempo.

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo dos primeiros três séculos de nossa era uma sofisticada rede comercial e diplomática desempenhou um importante papel por toda Afro-Eurásia. Ligando sociedades com diferentes capacidades produtivas, militares e organizacionais ela acabou de estabelecer um papel de fonte financeira para estabelecer impérios ou sustentar os que já existiam.

Em nosso trabalho estabelecemos como meta provar a existência e mostra a complexidade de tal rede para comerciantes e diplomatas, alcançamos no objetivo demonstrando não apenas a existia da mesma, mas também que a mesma foi de vital importância para sobrevivência e desenvolvimento dos Estados antigos.

Demonstramos que já havia sofisticação nas práticas comerciais envolvidas no comércio de longa distância, também demonstramos por meio do *Papiro de Muzires*, como ainda no mundo antigo já existia uma relação financeira que demonstra minúcias comerciais muito avançadas. Ainda conseguimos

mostrar por meio de documentos da época como o *Wei Lue* e o *Periplus Maris Erythraei* como desde o mundo antigo já existia uma capacidade de mimetizar a produção de um local apenas para o comércio com outra região distante.

Ficou claro por meio das evidências que chegaram até nós, que as mesmas rodas comerciais e mesmo os comerciantes de longa distância, eram também meios para se criar uma sofisticada malha diplomática capaz de fazer importante papel na existência de antigos Estados. Ainda no papel de desempenhar uma função de relevância para Estados, fica claro que os comerciantes acabavam disseminando informações importantes por toda rede comercial.

E mesmo as mercadorias acabavam também fazendo parte de uma sofisticada estratégia de processamento, reprocessamento, controle e segredo, meios necessários para fazer com que os lucros fossem os maiores possíveis. Os mesmos produtos acabavam servindo também como meio de levar influência para locais distantes, ou atrair aliados.

No capítulo intitulado, “considerações sobre o comércio de longa distância”, abordamos evidências sobre rotas comerciais ainda mais antigas que do que o nosso recorte temporal, mas também abordamos requisitos que consideramos cruciais para a formação de rotas comerciais por longas distâncias. Também discutimos nossa visão sobre a economia antiga, especificamente sobre o comércio na antiguidade e seu papel na sociedade.

Em outro momento começamos um debate em torno do papel do Estado nas rotas comerciais. No capítulo intitulado, “Sobre a complexidade comercial e diplomática nas rotas comerciais”, debatemos sobre a complexidade em que os meios de produção e refino de bens comerciais tomou no mundo antigo. Nesse momento também podemos abordar o papel dos diplomatas e comerciantes para os Estados antigos.

Ficou claro o papel de controle comercial que os Estados antigos tiveram, suas capacidades de gerar lucros para os comerciantes que seguiam rotas por longas distância estava não somente no controle de produção. Deixamos claro o papel dos Estados no sistema monetário com cunhagem de moedas e refino de matérias primas.

Abordamos também o papel do indivíduo nas rotas comerciais, no capítulo, “cartas sogdianas”, escrito quase inteiramente centrado na análise de

três cartas do povo sogdiano e do contexto histórico que criou as rotas que eles seguiam e os fez escrever as famosas cartas, discutimos a vida pessoal de comerciantes e pessoas envolvidas com comerciantes de longa distância. Nesse momento não apenas continuamos nosso debate sobre como o comércio já se apresentava sofisticado, mas debatemos sobre a vida pessoal de quem viajava pelas rotas comerciais.

Também acreditamos que o trabalho sirva como ponto de saída para reflexões sobre o papel do comércio de longa distância ao longo da história humana. Vastas redes comerciais e políticas se colidem ainda hoje, e ainda hoje, assim como foi 2 mil anos atrás, o mundo não é constituído por civilizações isoladas e sem contatos com outras.

Tudo indica que não haveria um mundo com sociedades em completa hegemonia militar, econômica ou mesmo cultural e social, mas um mundo com incessantes redes onde se cruzariam não somente mercadorias, mas ideias, tecnologias, práticas. Tendo em vista esse horizonte, acreditamos que nosso trabalho seja um tijolo para construção de uma nova visão sobre o mundo antigo, ou até mesmo sobre o comportamento das sociedades humanas em outras épocas.

## REFERÊNCIAS

AUBET, Maria Eugenia. **The Phoenicians and the West: politics, colonies and trade.** 1. ed. New York: Cambridge University Press, 1993. 348 p.

ANDERSON, Perry. **Passagens da antigüidade ao feudalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

BURBANK, Jane; COOPER, Frederick. **Impérios**: uma nova visão da história universal. São Paulo: Crítica, 2019. 645 p.

BUENO, André. **Rotas do Mundo Antigo**. 1. ed. Niterói: UFF, 2002. 180 p.

BENNET, Anna. T. N. **Gold in Early Southeast Asia**. OpenEdition Journals: [s. n.], 2009. 107 p.

BÍBLIA de Estudos Almeida. 2. ed. rev. e atual. [S. l.: s. n.], 1993. 2946 p. E-book.

BRUNO, Haroldo. **Pérsio**: Introdução, Tradução e Notas. 1980. 198 p. Monografia de Mestrado (Mestrado em Letras Clássicas) - Departamento de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, [S. l.], 1980. E-book

CÍCERO, Marco Túlio. **Da República**. Brasília: Senado Federal, 2019. E-book.

CASSON, Lionel. **The Periplus Maris Erythraei**: Text With Introduction translation and Commentary. [S. l.]: Princeton University Press, 1989. 339 p. E-book.

CASSON, Lionel. New Light on Maritime Loans: P. Vindob. G 40822. Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik 84, [s. l.], 1990. E-book

CARTWRIGHT, Mark. **As caravanas de camelos do Saara antigo**. [S. l.], 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1344/as-caravanas-de-camelos-do-saara-antigo/>. Acesso em: 1 jan. 2024.

CARTWRIGHT, Mark. The Spice Trade & the Age of Exploration. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/1777/the-spice-trade--the-age-of-exploration/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

CONRAD, Philippe. **As Civilizações das Estepes**. [S. l.: s. n.], 1978. 333 p

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China**: a new history. 2. ed. [S. l.]: Harvard University Press, 2006. 581 p.

FINLEY, Mosley. I. **The Ancient Economy**. [S. l.]: University of California Press, 1973.

FRANKOPAN, Peter. **O Coração do Mundo**: uma nova história universal a partir da rota da seda: o encontro do Oriente com o Ocidente. 1. ed. São Paulo: Crítica, 2019. 688 p.

GRUZINSKI, Serge. **A Águia e o Dragão**: ambições europeias e mundialização no século XVI. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 408 p.

GODAWAYA: an ancient port city (2nd Century CE.) and the recent discovery of the unknown wooden wreck. [S. l.], 17 set. 2010. Disponível em: <https://www.archaeology.lk/godawaya-an-ancient-port-city-2nd-century-ce-and-the-recent-discovery-of-the-unknown-wooden-wreck/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GOMES, Ciro. **Projeto Nacional**: O dever da esperança. São Paulo: Editora Leya, 2020. 272 p.

HART, George L.; HEIFETZ, Hank. The Four Hundred Songs of War and Wisdom. [S. l.]: Columbia University Press, 2002. 436 p. E-book.

HIRT, Friedrich. **China and the Roman Orient**: Researches into their Ancient and Medieval Relations as Represented in Old Chinese Records. [S. l.]: Ares Publishers, 1885. 272 p. E-book.

KROPFF, Antony. **An English translation of the Edict on Maximum Prices**, also known as the Price Edict of Diocletian: Edictum de pretiis rerum venalium. [S. l.]: Academia.edu, 2016. 69 p. E-book

KILLGROVE, Kristina. **Chinese skeletons in roman britain?** Not so fast. Forbes,

23 set. 2016. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/kristinakillgrove/2016/09/23/chinese-skeletons-in-roman-britain-not-so-fast/?sh=7a45631d5065>.

Acesso em: 18 jan. 2024.

KOLB, Anne; SPEIDEL, Michael A. **Imperial Rome and China**: Communication and Transmition of Information. In: ELIZALDE, Maria Dolores; JIANLIANG, Wang (org.). China's Development From a Global Perspective. [S. l.: s. n.], 2017. cap. capítulo III, p. 395-422. E-book.

LLEWELLYN-JONES, Lloyd. **Os Persas**: a era dos grandes reis. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 770 p. E-book.

MARIUTTI, Eduardo Barros (org.). **Balanço do Debate**: A transição do Feudalismo ao Capitalismo. São Paulo: Hucitec, 2004. 243 p.

MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África**, II: África antiga. 2ª. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 1008 p. E-book

MUNRO-HAY, Stuart. **Aksum**: a African civilization of late antiquity. [S. l.]: British Library Cataloguing in Publication Data, 1991. 227 p. E-book.

MEMÓRIA IBGE. [S. l.], 2000. Disponível em: <https://memoria.ibge.gov.br/historia-do-ibge/historico-dos-censos/censos-demograficos>. Acesso em: 21 fevereiro. 2024.

METCALF, William E. **The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage**. [S. l.: s. n.], 2012. 598 p. E-book.

MARK, Joshua J. Trade in ancient Mesopotamia. In: **Trade in ancient Mesopotamia**. [S. l.], 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/2114/trade-in-ancient-mesopotamia/>. Acesso em: 1 jan. 2024.

MCLAUGHLIN, Raoul. **Roma e o Oriente Distante: Rotas Comerciais Para as Terras Antigas da Arábia, Índia e China**. 1. ed. São Paulo: Rosari, 2012. 287 p.

MADDISON, Angus. **The World Economy: A Millennial Perspective**. 1ª. ed. Paris: OECD, 2001. 385 p.

OSVALDO, Coggiola. **História do Capitalismo: das origens até a primeira guerra mundial**. 1ª. ed. São Paulo: Ariadna Ediciones, 2015. 933 p

PETRÔNIO. **Satyricon**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 191 p.

PELAEZ, Carlos Manuel. **O Desenvolvimento da Indústria do Aço no Brasil**. Revista Brasileira de Economia, [s. l.], 3 mar. 1968. E-book.

PLÍNIO, **História Natural: Libros XII-XVI**. Espanha: Editorial Gredos, 2010. 478 p. E-book.

Pearson, M. N. NCHI. Cambridge University Press, 2006.

R. HALL, Kennethy. **Maritime Trade and State Development in Early Southeast Asia**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2019. 485 p

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário da Economia**. [S. l.: s. n.], 1999. 650 p. E-book.

SIN-LÉQI-UNNINNI, **Ele Que o Abismo Viu: epopeia de Gilgamesh / tradução do acádio, introdução e comentários Jacynto Lins Brandão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 318 p.

SCHEIDEL, Walter. **The Monetary Systems of Han and Roman Empires**. 2. ed. [S. l.]: Princeton/Stanford Working Papers in Classics, 2008. 59 p.

SCHEIDEIL, Walter. **Rome and China: Comparative Perspectives on Ancient World Empires**. New York: Oxford University Press, 2009. 257 p. E-book

SUETÔNIO, Caio. **As Vidas dos Doze Césares**. [S. l.]: Conselho Editorial, 2012. 320 p. E-book.

SIMS-WILLIAMS, Nicholas. **The Sogdian Ancient Letters: 1, 2, 3, and 5**. Londres: University of London, 2004. E-book.

VAISSIERE, Etienne de la. **Sogdian Trade: the people of Sogdiana were the main caravan merchants of Central Asia from the 5th to the 8th century**. In:

Enciclopaedia Iranica. [S. l.], 2004. Disponível em: <https://www.iranicaonline.org/articles/sogdian-trade>. Acesso em: 22 maio 2024.

WAXMAN, Olivia.B. **Here's What History Can Tell Us About the Magi**. In: Time. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://time.com/5923009/three-kings-wisemen-history-magi-bible/>. Acesso em: 19 maio 2024.